

A romantic couple is shown from the chest up, wearing white short-sleeved shirts. The man, on the right, has a beard and is smiling slightly. The woman, on the left, is looking down at something in her hands. The background is a soft, out-of-focus light purple with many small, glowing yellow and white bokeh lights, creating a dreamy and romantic atmosphere.

vai que dá  
**CERTO!**

**JOSIANE VEIGA**



# **Vai que dá certo!**

**JOSIANE VEIGA**



Publicação Independente

# **VAI QUE DÁ CERTO**

**JOSIANE VEIGA**

**1ª Edição**

**2019**



**Publicação Independente**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização escrita da autora.

Esta é uma obra de ficção. Os fatos aqui narrados são produto da imaginação. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real deve ser considerado mera coincidência.

Título:

## **VAI QUE DÁ CERTO**

Romance / Comédia

ISBN — 9781702363136

Texto Copyright © 2019 por Josiane Biancon da Veiga

## Sinopse:

Como começo a explicar toda essa loucura?

Bom, meu nome é Gustavo, eu sou um cara tranquilo do interior do Rio Grande do Sul. Mas, tenho minha pacata vida transformada por conta de minha melhor amiga.

Como posso dizer isso? Bom... Manuela é louca! Só isso explica o fato de ela colocar na cabeça que vai engravidar de algum cara aleatório apenas pelo prazer de ser mãe.

Agora começa a minha jornada para tentar impedi-la de cometer essa burrice.

E talvez fazê-la entender que o cara certo está mais perto do que ela imagina.

# *Sumário*

[JOSIANE VEIGA](#)

[Nota da Autora](#)

[Capítulo Um](#)

[Manuela](#)

[Capítulo Dois](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo Três](#)

[Manuela](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Manuela](#)

[Capítulo Seis](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo Sete](#)

[Manuela](#)

[Capítulo Oito](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo Nove](#)

[Manuela](#)

[Capítulo Dez](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo Onze](#)

[Manuela](#)

[Capítulo Doze](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo Treze](#)

[Manuela](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Gustavo](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Manuela](#)

[MAIS LIVROS DA AUTORA](#)



## ***Nota da Autora***

A ideia desse livro surgiu numa conversa com minha colega e amiga Simone. Nós, que já passamos a metade dos trinta, começamos a perceber que nosso tempo para ser mãe está se findando. E esse “banho de água fria” acabou por moldar Manuela, minha protagonista. Espero que se divirtam ♥

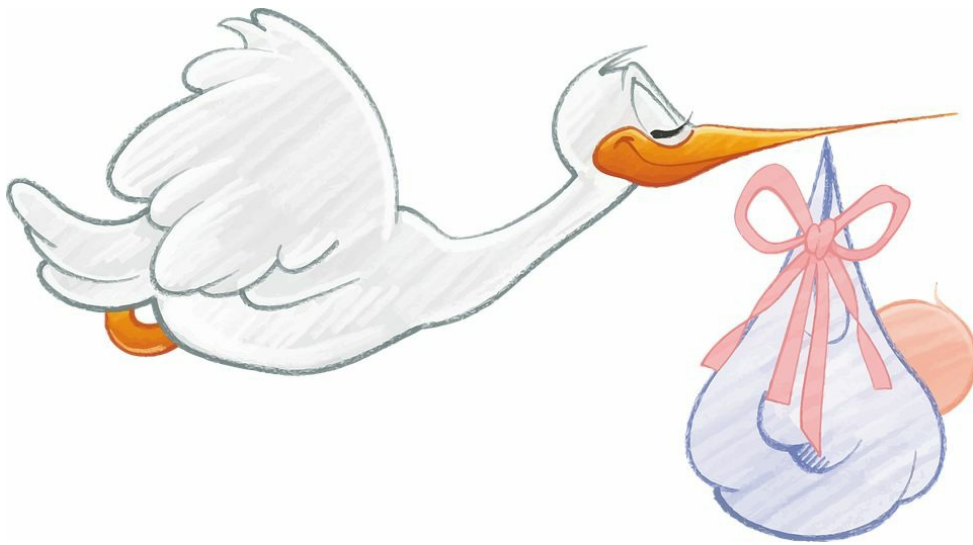
Esse é o último livro de 2019. Foi um ano incrível, cheio de livros novos. Optei por romances simples, doces e fáceis de ler. Pensei em focar nos históricos novamente em 2020, mas outra comédia romântica já começou a tomar corpo na minha cabeça, então provavelmente permanecerei nesse meio, até porque todos os livros pesados e polêmicos que eu quis escrever na vida, já foram feitos.

Espero que tenham um ano novo maravilhoso e cheio de felicidade!

**Josiane Biancon da Veiga**  
**Dezembro de 2019**

# Capítulo Um

## *Manuela*



Os olhos de Sabrina brilharam de uma forma estranha quando me viu naquele vestido curto e justo, como se houvesse inveja em seu ser, mas ela reprimisse a sensação.

Ah, tola... Não imagina que se alguém ali se sentia com ciúmes era eu...

— Manu, você está maravilhosa.

— Está mesmo! — Claudia concordou do outro lado da sala.

Estávamos no meu apartamento, bebendo chá durante à tarde e colocando as fofocas em dia. Eu acabava de mostrar a elas a roupa que usaria no meu encontro à noite. — Sinto saudades de poder usar vestidos assim. Depois da segunda gravidez, meu corpo nunca mais foi o mesmo.

Minhas duas amigas estavam grávidas. Sabrina pela primeira vez, Claudia pela terceira. Ambas casadas, felizes e aproveitando a família que estavam constituindo.

Eu considerava isso a melhor sorte. Não me importaria de nunca mais caber num vestido bonito e justo se pudesse ter o que elas tinham: bebês e amor.

Reprimi um gemido e sorri para elas. Melhor sorrir que dizer a verdade. A cada dia que passava minha preocupação aumentava. Eu estava chegando à idade que um casamento já era difícil, quiçá uma gravidez. Provavelmente eu não seria mãe, nem esposa. E esse era meu maior sonho.

O mais triste de tudo é que esse nunca foi o sonho delas. Sabrina queria ser modelo, mas desistiu da carreira e retornou para Esperança, nossa cidade, para casar-se com um dos nossos antigos colegas do ensino médio. Claudia queria morar em Porto Alegre, uma cidade grande, mas casou-se com um fazendeiro e vivia no campo.

E eu... que sempre sonhei exatamente com uma vida calma, amarguei uma vida profissional completa, mas vazia pessoalmente.

Sabrina se levantou, ou melhor, balançou seu corpo de um lado para o outro na cadeira até que foi capaz de se levantar. Ela estava com sete meses, e parecia enorme e exausta.

— Estou tão cansada que meus olhos quase se fecham sozinhos —

choramingou. — Espero ao menos dar à luz com alguma dignidade.

Sim, ela parecia arrependida pela gravidez. Eu mordi o lábio inferior, aquela leve inveja parecendo cada vez maior.

Por que Deus dava graças a algumas pessoas e não a outras? O que eu não daria por ter encontrado um cara legal e estar esperando seu bebê? Quando eu teria isso?

— Ah, Manu — Claudia chamou minha atenção. — Você é a única de nós que tem uma vida perfeita...

Vida perfeita...

Parecia, não?

Eu cresci em Esperança. Estudei com Sabrina e Claudia na escola da cidade. Era sociável, tinha vários amigos. Membro ativo da comunidade, tinha um emprego legal, um bom salário, frequentava a Igreja, participava das reuniões da associação dos moradores, e era bonita e divertida.

Eu sabia que muitas pessoas me invejavam porque eu parecia ter tudo. Mas, a verdade é que eu não tinha nada. Obviamente, eu não falava sobre isso. Mas, meus olhos estavam abertos para a verdade significativa de que todos ao meu redor tinham companheiros e bebês, e eu permanecia solitária... e sem bebê.

Céus, eis um fato: Eu sempre quis ser mãe.

Eu era a garotinha que amava brincar de bonecas, a menina que sempre se alegrava quando algum bebê aparecia lá em casa. Na adolescência, fui babá por prazer, eu amava crianças.

Eu vim de uma família muito rica que praticamente possuía quase todas as ações da fábrica de fumo da cidade. Éramos parentes distante dos Fontes, que mandavam na cidade. Meu pai era dono do mercado, do posto de gasolina, e também tinha ações da escola interna.

Se você chegasse em Esperança e perguntasse pelos Montanari, todos saberiam dizer quem eram. Nós éramos esse tipo de família. Prósperos, conhecidos, respeitados.

Então... eu tinha uma boa situação econômica, bem-sucedida, talentosa e bonita, e até minhas amigas começarem a casar e ter filhos, muito feliz com a maneira como minha vida era.

Mas depois de vários casamentos ao meu redor, me ocorreu que algo estava faltando na minha vida, e eu não conseguia corrigir isso.

Eu não vivi como queria viver.  
Meu melhor amigo percebeu que algo estava errado imediatamente. Ele foi o único a notar, não que isso me surpreendesse porque éramos tão próximos que havíamos nascido no mesmo dia, na mesma maternidade e nossas mães eram amigas.

Gustavo Ferri e eu éramos algum tipo de almas gêmeas que sempre se amaram. Nós nos entendíamos pelo olhar, pela respiração. E foi por causa disso que Gustavo percebeu exatamente o quê me incomodava ultimamente.

*“Você vai se casar e ter filhos, Manu”, ele me acalentou. “Só espere...”*

E eu esperei. Anos. Mas, agora, já passando dos trinta e poucos, eu sabia que o tempo estava se findando.

Eu estava desesperada.

Sabrina e Claudia se ergueram. Soube que elas iriam embora, e ajudei-as com as bolsas, ouvindo-as reclamar do inchaço nas pernas.

Deus, daria tudo para estar no lugar delas. Eu queria as estrias, a necessidade de fazer xixi a cada minuto, os pés inchados e o ganho de peso. Tudo pela incrível chance de ter uma nova vida crescendo dentro de mim. Eu realmente queria isso. Eu sou capaz de tudo por isso.

— E Geo, está nervosa para sábado? — Sabrina indagou, já perto da porta.

Sábado, Geovanna, minha irmã, se casaria. Minha irmã DEZ ANOS MAIS NOVA havia conseguido um noivo e eu, que era o sinônimo da pessoa bem sucedida, não havia nem chegado perto de ter tal relacionamento.

— Ela está feliz — murmurei.

Acompanhei-as até a caminhoneta de Claudia.

— Quando será sua vez, Manu? — Sabrina indagou.

— Pelo jeito, nunca — admiti.

As duas se encararam, como se não acreditassem naquilo.

— Você é linda demais, dê tempo ao tempo. — Claudia consolou.

Dei os ombros.

Eu já havia dado tempo ao tempo. E o tempo não me trouxe nenhum bebê. Estava cansada, exausta. Eu queria...

De repente, meus pensamentos se cortam com a imagem de uma criança andando de mãos dadas com a mãe do outro lado da rua.

...E uma ideia me tomou de assalto.

Minhas amigas estavam se casando, minha irmã estava se casando, e o amor não havia chegado até mim. A cada encontro horrível que eu passava, essa certeza me tocava mais. Eu não vou conseguir me casar com os caras vazios de Esperança. Mas... e se ao invés do amor, eu conseguisse só o sexo? Só o bebê?

Sim!

Eu não preciso de um marido. Eu preciso do bebê!

Eu fiquei tão animada com essa ideia. Eu queria um filho, uma extensão de mim. Uma conquista. Uma criança. Meu próprio bebê, que eu amaria e criaria com todo meu coração.

E eu não precisava de um homem na minha vida para fazer isso. Bem ... eu só precisava dele para o bebê, e ele não teria que ficar presente depois disso.

Eu já vi tantas mães fazerem isso. Criar seus filhos sozinhas e as crianças estavam bem. Seria certamente um caminho rápido para a felicidade, e eu não teria que passar por toda a merda de encontrar o cara certo. Tudo que eu precisava era encontrar o esperma certo.

Quando elas se foram, rumei em direção a lanchonete que ficava perto do único hotel de Esperança, porque sabia que Gus ia lá para lanchar nas segundas-feiras, após sua entrega de fumo na fábrica.

Entrei na lanchonete e fui imediatamente envolvida pelo aroma de comida delicioso. Gustavo estava sentado no canto, olhando através do menu.

À direita dele havia um grupo de mulheres em uma mesa olhando para ele. À sua esquerda havia duas garçonetes olhando para ele, e no canto oposto

havia alguns caras que pareciam sussurrar, também olhando para ele.

Todo mundo sempre olhava para ele. Gustavo sempre chamou muito a atenção. Ele era lindo e enorme. Seu corpo era uma montanha de músculos que ele constituiu com trabalho duro na sua fazenda. Ele tinha uma face harmoniosa apesar do nariz reto, quase grego, e o maxilar quadrado.

Eu pulei em direção a ele, e Gustavo levantou a cabeça, reconhecendo-me com seus olhos azuis.

— Gustavo — estava sorrindo de orelha a orelha enquanto deslizava no assento na frente dele.

Ele me encarou com as grossas sobrancelhas arqueadas.

— Faz tempo que não a vejo tão animada. Dá até medo.

— O dia parece maravilhoso — devolvi.

— É segunda-feira. Não existem segundas-feiras maravilhosas.

— Mas hoje é um dia maravilhoso — retruquei. — Hoje é “O DIA”!

Seu semblante permaneceu sério e fechado.

— O que aconteceu?

Juntei minhas mãos enquanto a emoção me preenchia. Era isso. Hora de contar as melhores notícias da minha vida ao homem da minha vida, meu melhor amigo.

— Eu vou ter um bebê!

Ele ofegou, os olhos se arregalando enquanto levava as mãos à boca.



— Você está grávida? — Gus perguntou um pouco alto demais, e as pessoas em volta olhavam para nós.

— Não.

Sua boca abriu. Fechou. Ele pareceu pensar.

— Como você vai ter um bebê se não está grávida? Oh — ele murmurou —, você realmente é lésbica e sua parceira está grávida?

— Eu não sou lésbica! — ralhei. — As pessoas acham isso? — dei-me conta, de repente.

— Você já passou dos trinta e nunca conseguiu permanecer num namoro por mais de duas semanas. O que você acha que as pessoas pensam?

Pasma, fiquei em silêncio alguns segundos enquanto meditava nas questões sociais. Por fim, desconsidereei. Que se foda a sociedade!

— Eu disse que vou ter um bebê. Ainda não estou grávida. Mas eu vou ficar — expliquei e girei meu dedo nas pontas dos meus cabelos escuros. Gustavo permanecia rígido.

— Manuela, você enlouqueceu realmente? Como assim, você vai engravidar? Você nem tem namorado.

— Vou engravidar sem namorado. Meu relógio biológico está berrando a minha necessidade de ser mãe, e como não consigo nos moldes tradicionais, vou escolher um cara bonito, inteligente, enfim, um bom espermatozoide, e vou ficar grávida.

Suas sobrancelhas se uniram.

— Você vai pegar um cara aleatório e ter um filho com ele?

Odiei aquele tom.

— Por que não? As mulheres engravidam o tempo todo e criam as crianças sozinhas. Eu vou fazer isso. Não há nada errado com isso. Achei que ficaria do meu lado.

Ok. Eu estava magoada com o fato do meu melhor amigo não estar tão empolgado como eu.

— Manuela, você não pode fazer isso — ele argumentou.

Como Gustavo não conseguia entender minha situação? Por que ele não percebeu como isso era fácil e o quanto essa possibilidade me deixou feliz e empolgada? Ele sabia que eu estava deprimida há meses. E mais alguns anos, eu não teria mais a chance de engravidar. Céus, com quantos anos entramos na menopausa?

— Gus, você não pode me apoiar? — indaguei, magoada. — Eu quero ser mãe e achei uma solução. Isso é algo bom. É um plano brilhante. Você devia estar saltitante...

— Saltitante? Nós nascemos no mesmo dia, no mesmo lugar, e somos os melhores amigos desde o berçário e, quando, em nome de Deus, você já me viu “saltitante”? Além disso, é uma ideia idiota, Manuela. Você já pensou no tanto de responsabilidades...

— Você não me acha capaz?

— Eu não disse isso. O que me assusta é, tipo, quando você pensou nisso? Se bem lhe conheço foi...

— Essa manhã...

— Nessa manhã — ele disse ao mesmo tempo. Quando percebeu minha fala, apontou. — Viu só? Você não raciocina e quando coloca uma coisa na cabeça, você se joga sem medir as consequências... Além disso, você vai pegar um cara qualquer? Você sabe que existem métodos científicos...

— Não vou a um banco de esperma. Quero que meu filho seja feito da forma tradicional.

— Com um cara aleatório, Manuela? Você não está se ouvindo? E como você vai saber se o cara não tem algum tipo de doença? Você vai pedir um exame de sangue antes de dormir com ele? Além disso, há todo tipo de malucos por aí. Você não pode simplesmente encontrar alguém desconhecido e ir pra cama com ele.

Eu fiz uma careta.

— Não sou tão idiota assim. Eu fiz uma lista de caras em potencial de Esperança. Caras legais, solteiros, de boa família.

O olhar dele estava enfurecido.

— Se são caras legais, por que não namorar, casar e só depois ter uma família?

— Você acha que se algum deles me quisesse eu já não teria aceitado? Você já me olhou alguma vez? Estou ficando velha e tiazona!

— Você está preocupada com a imagem que as pessoas terão de você?

— Não! Eu quero ser mãe!

— Você é louca se acha que isso vai funcionar.

Eu absolutamente odiava quando ele me chamava assim. Como se não

tivéssemos feito todo o tipo de coisa juntos. Claro, eu admitiria que tinha a tendência de ser um pouco mais excêntrica, mas não era louca, era aquariana, e não ia ficar sentada aqui com ele me chamando assim e me dizendo como minha ideia era estúpida.

Levantei-me, coloquei as mãos nos quadris e olhei para ele.

— Onde você está indo? — Gus perguntou.

— Embora.

— Manu, você acabou de chegar aqui.

— Foda-se.

— Ah, agora vai ficar brava? Por que eu não concordei com essa ideia retardada? Manuela, que tipo de amigo eu seria se concordasse com você? Além disso, aposto que todos irão concordar comigo. Aliás, o que seus pais disseram?

— Meus pais? Eu não contei a ninguém porque queria seu apoio antes.  
— E porque eu acabei de pensar naquilo, mas ele não precisava saber disso.  
— Pensei que você ficaria feliz por mim. É um bebê, Gustavo. Se eu soubesse que você iria agir como um idiota, eu teria guardado esse desejo para mim.

— Idiota? — Ele arregalou os olhos novamente, me dando aquele olhar incrédulo que me disse que ele realmente achava que eu era louca.

— Sim, você é um idiota, e a partir de agora não estou falando com você.

— Meu Deus, como você é imatura. E ainda quer ser mãe! — Ele disse mais algumas coisas, mas eu não fiquei para ouvir o resto do que ele tinha a

dizer.

Eu não me importei com o que ele pensava.

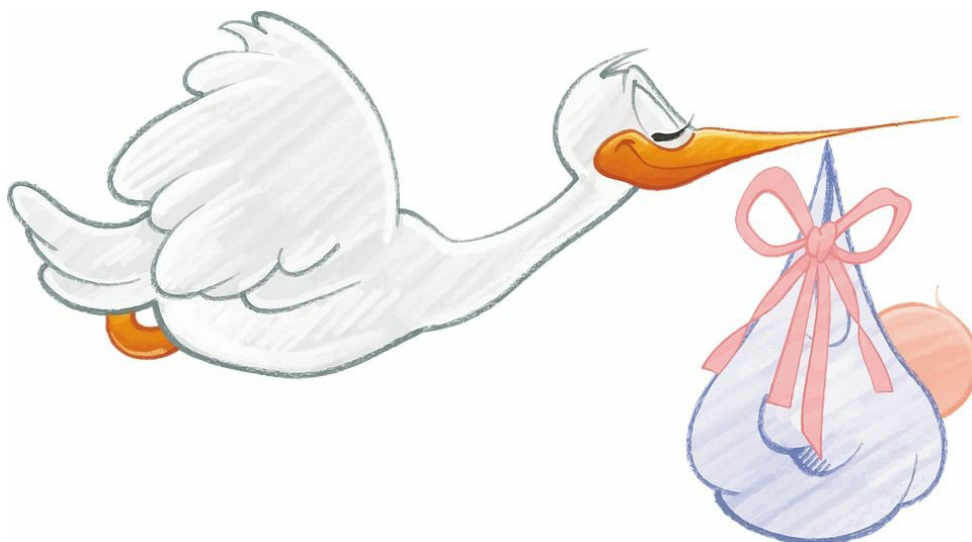
Eu ia fazer isso. Essa era a minha vida, minha escolha. Eu queria um bebê, e ninguém me faria parar.

E tenho um encontro hoje.

Hoje meu plano começaria.

## Capítulo Dois

***Gustavo***



Fodeu.

Literalmente, fodeu.

Eu nem devia me importar. Ela era a porra da minha preocupação desde a classe infantil, quando ela decidiu adotar uma taturana que a infectou com veneno e lhe fez parar no hospital.

No ensino médio, Manu era a pessoa mais sociável da classe, mas a

primeira que arrumava confusão. Ela era odiada por alguns professores, e eu era obrigado a defendê-la. O maior problema é que ela não conseguia manter o caralho da boca fechada e sempre estava enfiada em fofocas. Na faculdade, começaram os namoros. Ela era imã pra babacas, e eu estava sempre no meio dos seus relacionamentos, para colocar os caras pra correr.

E agora tudo que eu podia fazer era olhar enquanto ela se afastava. Apesar de eu saber que seu afastamento era sempre temporário, algo em mim entrava em desespero, porque sabia que, sem eu para mantê-la com os pés no chão, ela iria se atirar de cabeça nas suas ideias malucas e suas soluções fáceis.

Juro por Deus que Manuela foi a garota mais estranha que eu já conheci na minha vida, e me pareceu que eu estava destinado a encontrar o meu fim por causa dela.

Levantei-me e deixei uma gorjeta de dez reais em cima da mesa e saí, frustrado.

Eu estava cansado daquela amizade maluca, estava no limite desde o momento em que Manuela me disse, há uns seis meses, que queria ser mãe e que precisava encontrar o cara certo.

De repente, algo havia desbloqueado em mim quando percebi o que ela estava fazendo. Nos últimos seis meses, seus encontros semanais me deixaram nervoso. E nunca seus encontros me deixavam nervoso. Mas, agora, de uma hora para outra, ela podia decidir que qualquer babaca podia ser o cara certo e se casaria com ele.

E hoje ela me fala aquela merda de engravidar de qualquer um que tenha um bom esperma. Essa mulher perdeu a porra do juízo?

Um bebê não é um boneco!

Ouvir isso foi o suficiente para eu perder a cabeça, e eu gostaria de poder dizer que foi apenas Manuela que me deixou assim.

No momento, até parecia.

Mas a verdade é que as plantações de fumo não foram boas na última safra e eu havia perdido a garota dos meus sonhos. Minha ex-namorada, Andressa, me esmagou quando me deixou há um ano e meio, e no dia anterior me mandou uma mensagem dizendo que estava voltando.

Porra, eu amei aquela garota! Sempre pensei que se ela me largasse, seria por conta de minha amizade com Manu, que Andressa odiava, mas a verdade é que ela – que sonhava em ser estrela de novela – conseguiu um papel numa novela rodada em Esperança, e logo estava num seriado juvenil para um site de *streaming*.

Eu tentei esquecê-la, enquanto a via em revistas, ficando com vários famosos. Até que recebi aquela mensagem no celular.

Ela estava voltando.

Sabia que seus casos não deram certo, e que ela havia sido massacrada pela crítica do seriado, mas não esperei que ela fosse retornar. Especialmente, como se nada tivesse acontecido.

Andressa estava de volta e queria me ver.

Na época da nossa relação, Manuela ficava me enchendo o saco dizendo que Andressa era manipuladora e eu era um corno manso idiota. Ela literalmente soltou fogos de artifício – sim, ela comprou numa loja e soltou rojões no meio da rua – quando Andressa se foi, e agora, apesar de eu querer



alguém para conversar sobre meus medos e minhas dúvidas, sabia que nunca conseguiria falar com Manuela sobre Andressa sem receber críticas e apontamentos.

E havia aquela merda também do seu plano mirabolante. Minha vida estava uma desgraça e Manu me vinha com essa.

De todas as ideias que ela poderia ter tido, por que ela iria querer um bebê?

Deus, como eu a convenceria a desistir disso?

Sim, eu entendia o porquê. Claudia e Sabrina estavam grávidas.

Mas, por que esse desespero de querer ser igual?

Eu nunca entenderia Manuela.

Cheguei na fábrica de fumo para acertar a entrega da próxima semana, quando Raul, o contador, me interceptou no corredor.

— Ela te irritou de novo? — ele indagou, obviamente percebendo meu semblante agoniado.

— Como você adivinhou? — Revirei os olhos sarcasticamente.

A cidade toda sabia da amizade louca que eu tinha com Manu. Por causa do nascimento, todos nos víamos como irmãos.

— O que aconteceu agora?

Raul era contador também de Manuel, um primo distante de Manuela. Ele conhecia bem aquela maluca, mas duvido que imaginava o tipo de planos que ela estava tendo.

— Você não faz ideia.

Eu esperava que até seu encontro, Manuela tivesse recuperado a razão e desistido da descabida ideia.

— É tão ruim assim? — Raul arqueou uma sobrancelha.

Suspirei e dei de ombros.

— É algo nível Manu, então você já deve imaginar.

Ele riu. Na verdade, Raul acreditava que eu vivia uma paixão crescente por Manu desde que, numa bebedeira, eu tatuei o nome dela no meu peito.

Não foi algo feito por paixão ou coisa do tipo. Apenas, só quem tem uma amizade como a nossa entenderia. Ela havia ficado ao meu lado quando Andressa me deixou, assim como ficou ao meu lado quando meu pai foi embora com a amante quando eu tinha oito anos, ou quando minha mãe teve câncer enquanto eu acabava de entrar no ensino médio. Dessa forma, eu queria imortalizar minha amizade. A tatuagem pareceu uma boa ideia.

E eu estava bêbado... Muito bêbado.

— Você sabe... — Raul começou. — Talvez você devesse assumir seus sentimentos.

Que porra de sentimentos?

— Vocês dois são como um velho casal. Vocês se conhecem e se gostam. Você tem o nome dela tatuado no peito e tem uma péssima justificativa pra isso. Provavelmente você já a tenha como sua mulher, mas ainda não aceitou isso. Está certo, vocês cresceram como melhores amigos, e é difícil ter coragem para dar um passo a mais, mas acredito que está na hora.

— Você está louco. Manu me colocaria no hospício em uma semana. Um homem tem que ter muita falta de amor próprio para ficar com ela. Aquela mulher tem um parafuso a menos!

— Bom — Raul assentiu. — Se fosse para escolher, eu preferiria a que está casando.

— Geo?

— Ela é gostosa — ele piscou.

Eu nunca olhei para Geovanna ou Manuela dessa forma, então aquele assunto me pareceu estranho. Bem da verdade, especialmente Manu, a própria sexualidade parecia algo diferente e incomum.

Lembro-me quando ela contou que perdeu a virgindade com um colega de escola nosso. Fiquei P. da vida, nem lembro o motivo. Bati no cara, e depois fiquei sem falar com ela por semanas. Parecia imoral. Sexo e Manu era algo completamente fora do contexto.

— Bom, eu venho outra hora pra acertar os detalhes da entrega do fumo — busquei uma justificativa pra fugir. — Tenho alguns peões pra pagar hoje. Até.

Saí daquela estranha conversa da fábrica como um diabo fugindo da cruz. Eu não precisava que ninguém viesse com essa história de amor pra cima de mim. Eu conhecia meus sentimentos por Manu. Que porra é essa que um homem não pode ser amigo de uma mulher?

Caminhava em direção à minha Amarok em passos largos, ansioso por essa confusão toda, quando algo chamou minha atenção.

Não algo... Alguém.

Andressa Becker caminhava em minha direção. Ela sorria de forma genuína e eu fiquei espantado porque não sabia que ela já havia retornado para Esperança.

Eu gostaria de ter parecido mais feliz em vê-la, mas não consegui sorrir.

— Olá — ela me cumprimentou de uma forma tão espontânea que nem parecia que havia me dado um pé na bunda há pouco mais de um ano.

— Oi.

— É assim que você me cumprimenta depois de uma eternidade sem me ver?

É sério que ela esperava que eu estivesse sorridente? O que havia ocorrido com as mulheres daquela cidade? Haviam endoidado?

— Ainda está magoado?

Neguei com a fronte e era verdade. Não estava mais magoado, mas já estive. Da mesma forma que já fui apaixonado por ela, e agora sentia repulsa. Sofri o diabo quando a vi nos braços de atores em revistas de fofocas, mas superei isso. Eu sonhei que um dia ela seria minha esposa, mas ela não quis e agora estava tudo bem.

Era verdade que eu não podia oferecer holofotes a ela, nem dinheiro, mas eu teria lhe dado uma vida digna na minha pequena fazenda.

Mas vida digna não atrai as mulheres. Não, ao menos, as que eu conhecia.

— Desculpe, eu tenho que ir — falei, tentando me aproximar do carro.

— Gustavo, por favor...

Travei. Ela parecia ter mais a dizer, e talvez eu quisesse suas desculpas.

— O que eu fiz foi errado. Ao menos eu devia ter terminado tudo pessoalmente. É que soube que você pensava em me pedir em casamento, e fiquei tão nervosa. Eu queria muito tentar atuar. Você sabe que ser atriz era meu sonho. Mas, a vida me trouxe de volta para Esperança, e... enfim... Podemos tentar sermos amigos?

Eu não tinha certeza, mas assenti, levemente.

De repente, sua mão deslizou lentamente pelo meu braço. Eu sentia seu desejo ali, mas fingi ignorar.

— Vejo você em breve, Gustavo — ela murmurou e se afastou.

Toda aquela situação estava me deixando doido.

Manuela queria um bebê, e Andressa me queria.

Eu esperava que nenhuma delas conseguisse seu intento. Manuela não estava pensando claramente, e Andressa me apunhalou e me fez de palhaço para toda a cidade.

Enquanto entrava na Amarok, percebi que precisava agir rápido para não deixar que Manu cometesse um grande erro.

E Andressa que se danasse!

## *Capítulo Três*

# *Manuela*



Fernando era um homem bonito. Olhos claros, cabelos escuros, eu sabia que seus avós eram húngaros, e que ele tinha personalidade, humor e capacidade de manter uma conversa. Até então, ele estava sendo o candidato perfeito.

Ele havia escolhido um pequeno bar perto da fábrica e nós bebíamos vinho enquanto eu ria, fingindo prestar atenção à sua conversa sobre produtos farmacêuticos.

Ele era dono da farmácia local, e parecia ter estabilidade. Enquanto eu o analisava friamente, tentando observar se ele era ou não a melhor opção, meditava igualmente nos meus planos.

Eu queria encontrar o esperma certo, logo. Não tinha muito tempo para tanto. Eu planejava dar à luz na próxima primavera. Assim, esperava evitar o calor intenso de janeiro e também o frio desesperador do meio do ano. Além disso, seria bom ter um bebê na primavera porque ele não nasceria sobre um signo ruim. Deus me livre eu ter um ariano. O ideal era a simplicidade de libra ou a alegria de sagitário. Mas, no meio tinha escorpião... Eu não podia atrasar muito, senão nasceria um pequeno ditador que entraria em conflito com minha alma aquariana.

— E existe esse mito...

Só então me dei conta que ele falava o tempo todo e eu não estava ouvindo nada.

— Mito?

— Que a indústria farmacêutica não produz a cura porque não quer perder suas vendas?

Mito? Isso era real! Eu vivia falando sobre isso nos grupos de teoria da conspiração que havia na internet.

Dei os ombros. Precisava focar em coisas mais importantes que opiniões pessoais dele. Ele abriu a boca para continuar seu discurso, quando me vi o interrompendo com energia pela primeira vez naquela noite.

— Então, Fernando...

— Sim?

— Você tem algum histórico de doença mental na família?

Ele me encarou um tanto curioso. Céus, era realmente fofo. Não que

me despertasse algo sexual ou sentimental, mas eu gostaria de ver aqueles olhos no meu bebê.

— Bom, não...

— E diabetes? Alguma doença sexualmente transmissível?

Por que diabos ele pareceu tão desconcertado?

— Como assim? — indagou.

— Se eu quisesse transar com você sem camisinha, qual seria sua resposta?

De repente, o rosto de Gustavo surgiu na porta do bar. Ele me encarava de olhos arregalados, e eu percebi que aquele idiota poderia colocar todos os meus planos a perder.

— Olhe, Manuela... — Fernando começou.

— Espere um pouco — ergui minha mão para ele, os olhos grudados na figura enorme de Gus, que vinha na nossa direção.

Meu melhor amigo estava claramente irritado. Havia uma faísca de raiva em seu olhar.

— Eu não acredito que você realmente vai levar adiante esse absurdo!

Eu respirei fundo, completamente ciente que meus planos bem encaminhados poderiam desaparecer diante das palavras dele.

— Gus, acho melhor você ir embora. Estou em um encontro.

— Um encontro? — Gustavo se virou para Fernando. — Olá Fernando.  
— Merda que todo mundo se conhecia naquele cu de cidade. — Ela já te



contou que está louca para conseguir seu esperma?

Fernando estreitou o olhar e me olhou.

— Como assim?

— Ela não está interessada em você. Apenas quer fazer um filho e aconteceu de você ser uma opção.

— Golpe da barriga?

Eu gargalhei. Como se eu realmente precisasse dar um golpe na barriga em Fernando. Eu tinha muito mais dinheiro que ele.

— O quê? — A frase não saiu de mim e sim de Gustavo. — Como assim? É claro que não! — Ainda bem que aquele idiota ainda servia para me defender. — Ela não quer sua farmácia, nem pensão, ela só quer seu espermatozoide.

Era verdade. Esperei que Fernando fosse razoável e compreendesse minha posição.

— Sem comprometimento — expliquei. — Apenas uma transa programada no meu período fértil – aliás, estamos nele! — e depois você pode me esquecer.

Houve um silêncio perturbador quebrado apenas pela música de fundo no bar.

— Isso é... insano — Fernando afirmou.

— Obrigado por concordar. — Gustavo segurou meu antebraço, me erguendo. — Quem sabe agora ela possa...

— Sabe qual é o problema de vocês, homens? Passam a vida inteira fugindo de compromisso, e quando uma mulher lhes oferece algo sem compromisso, vocês se assustam!

Ele balançou sua cabeça.

— Eu achei que você gostasse de mim — Fernando murmurou.

De repente me dei conta de que ele havia criado uma esperança por tal situação. Sempre havia tido uma “queda” por mim, mas eu nunca havia lhe dado uma chance. Ao invés de sentir pena, comecei a rir. Foi involuntário.

— Eu gosto! — tentei consertar. — Por isso que te escolhi...

— Mentira. Ela tem uma lista, você apenas está nela, sendo analisado — Gus cortou.

PUTA QUE PARIU!

— Vá te foder, Gustavo — ralhei.

— Bem, acho que vou encerrar a noite. — Fernando se ergueu. Não sei porque diabos, parecia magoado. — Pagarei a conta na saída.

Ele se levantou antes que eu pudesse impedir e praticamente fugiu, deixando-me olhando para ele com a boca aberta.

— Meu esperma está indo embora — murmurei.

— Você é maluca! — Gus disse, ao meu lado.

Eu estava tão chateada, que simplesmente dei dois tapas fortes nele e me afastei. Gustavo me seguiu.

— Você fica irritada, mas não percebe o quão maluco é esse seu plano!

— Não tem nada de errado nele! — devolvi. — Milhares de mulheres têm uma produção independente...

— Elas programam isso, se preparam, vão até uma clínica com um doador. Elas não saem por aí tentando arrumar qualquer um. Não entende que é uma criança vindo ao mundo? Que essa criança vai crescer e precisará ter respostas? Não seria melhor que você fizesse isso com alguém em quem você confia? Pelo amor de Deus, você fará sexo sem proteção. Você não pode simplesmente escolher alguém pela aparência de saudável. E também não pode simplesmente descartar o cara com um: “Obrigado pelo bebê, adeus”.

A mão de Gustavo pegou a minha. Ficamos um diante do outro.

— Sei que está zangada comigo, mas eu só estou cuidando de você como sempre fiz. E sempre vou fazer. Eu te amo, você é minha melhor amiga, e jamais vou deixar que nada te aconteça.

O vento soprou para o Sul. Eu sabia o que significava. Choveria naquela noite. A pele do meu braço se arrepiou e eu senti uma emoção sobrenatural a me tocar.

Respirei fundo quando percebi que todas as minhas respostas estavam diante de mim.

Sim, Gustavo sempre cuidou de mim. Sempre. Ele era lindo, de boa índole, de boa família e alguém que eu confiava inteiramente. Além disso, havia amor.

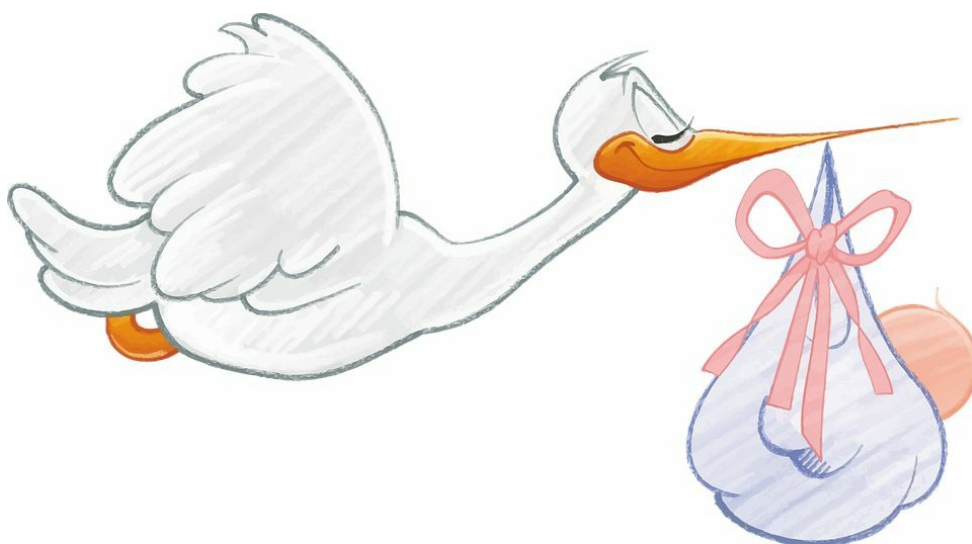
Eu o amava, eu o conhecia, e ele era o homem que eu confiaria a minha vida.

Era isso.

Acontecesse o que acontecesse, eu teria um filho com meu melhor amigo.

# *Capítulo Quatro*

*Gustavo*



Eu só consegui falar com Manu novamente no dia seguinte ao seu fracassado encontro. Queria me explicar, mas ela estava tão estranha após Fernando ir embora, que achei melhor deixá-la no seu apartamento e rumar para casa.

Pelo menos eu havia conseguido explicitar tudo que queria. Eu a amava, ela era minha melhor amiga, e eu a protegeria de todos, inclusive de si mesma.

Agora, encontramos-nos no restaurante de Noeli. O local era uma droga, só serviam lasanha industrializada, mas como as opções em Esperança eram poucas, então eu a chamei para almoçar lá mesmo assim.

Entrei no ambiente. Manuela já estava lá, sentada do outro lado da mesa, com os olhos arregalados de expectativa e as mãos juntas.

Meu Deus, o que estaria se passando naquele cérebro?

— Está melhor? Eu sei que ontem à noite...

— Eu tomei uma decisão, ontem.

Outra?

— Ok. Jogue a bomba — disse, erguendo as mãos.

E ela disse.

Ela... disse...

Eu olhei para Manuela e tentei processar o que ela estava me falando. Ok. Eu acabei com as chances dela ficar com Fernando. Se ele fosse linguarudo, não havia terminado apenas com as chances de Fernando, e sim de toda população masculina de Esperança. E eu pensei que com isso ela, por fim, aceitaria a loucura que era seu plano e pararia com aquela história. Mas, Manuela sempre seria capaz de me surpreender.

— O quê? — eu indaguei, tentando absorver se sua pergunta era real ou algum tipo de alucinação.

— Você quer ser o pai do meu filho?

Eu devia estar imaginando coisas. Talvez tudo aquilo fosse apenas um pesadelo. Um sonho daqueles ruins que eu tinha quando meu pai foi embora.

Mas, ela estava olhando para mim e esperando por uma resposta.

— Gustavo, diga alguma coisa... Gustavo — sua mão balançou na minha frente, como se quisesse ter certeza que eu não havia tido um AVC.

Ela respirou forte, me olhando com uma expressão hesitante no rosto.

— Eu não entendi... — disse, por fim. — Estou na sua lista?

— Não exatamente.

— Você quer que eu me masturbe e te dê meu sêmen?

A pergunta era tão idiota, mas eu não conseguia captar a mensagem de que ela estava me convidando para fazer sexo.

— Você sabe que eu não quero que meu bebê seja feito de forma tão fria.

Ela estava me convidando para fazer sexo. Sim, ela estava.

De repente, algo explodiu do meu âmago.

— Meu Deus, Manuela! O que você realmente quer que eu diga? — Inclinei-me para a frente e olhei para ela. Minha voz saiu num sussurro, mas não menos revoltada por isso. — Manuela, você quer que façamos sexo? Nós? Você já pensou nessa possibilidade? Você e eu metendo loucamente? O que diabos está acontecendo com você? Está possessa por demônios?

— A ideia é tão ruim assim?

— Ruim? Nós dois... — eu tentei pausar e respirar. Não queria feri-la. — Nós somos amigos. Mais: melhores amigos. Você sabe que isso pode mudar para sempre a nossa relação?

— Gustavo, é apenas um caminho para obter um objetivo.

Ela estava sorrindo. ELA ESTAVA COM A PORRA DE UM SORRISO NA CARA!

Porra ... eu não conseguia pensar em nada para comparar suas ações e

palavras. A coisa toda era simplesmente ridícula.

— Objetivo? — Eu a encarei, incrédulo. — Manuela, eu nem sei mais o que dizer para você.

— Estou pedindo que me faça um favor. Você me conhece e eu confio em você. O que é tão horrível nisso?

— Isso é loucura. Você está me pedindo para ter um filho com você. Um bebê. E depois que eu finja não ser o pai?

— Eu aceito que você seja o pai. Aliás, seria perfeito. Nosso filho teria como pais duas pessoas que são as melhores amigas no universo inteiro.

— Uma criança não quer que eu pais sejam os melhores amigos. Quer que eles se amem.

Ela balançou a cabeça. Enquanto um silêncio estranho instalou-se entre nós, eu a observei atentamente. Meu intuito era perceber se havia algo de errado com ela. Talvez tivesse tido uma isquemia cerebral. E se estivesse doente?

Mas, algo simplesmente despertou em mim naquele instante. Quando continuei a olhar, ela apertou os lábios.

Lábios vermelhos e maquiagem esfumada que fazia seus brilhantes olhos parecerem impressionantes contrastando com aquele cabelo preto.

Olhei para ela e, subitamente, a achei linda.

As pessoas sempre estranharam nosso relacionamento. Diferente da maioria dos caras, eu não saía nas quartas-feiras à noite pra jogar futebol ou beber cerveja com amigos. Desde que me lembro, Manu preenchia todos os meus dias. Meu melhor amigo era uma mulher.



E você não espera que um homem grande como eu passe as noites ajudando uma garota a pintar as unhas.

Mas, como explicar?

Eu tinha uma conexão sobrenatural com ela. Isso me tornou protetor e presente. Mas, até então, eu nunca havia reparado no quão ela era linda.

E, de repente, eu realmente considerei fazer essa loucura por ela. Teríamos sexo, muito sexo - a mera tecnicidade, o caminho para conseguir o que ela queria. Então ela engravidava do meu bebê e teríamos esse filho, mas não estaríamos em um relacionamento.

Considerei isso talvez porque no fundo da minha mente eu podia admitir que me perguntava como seria estar com ela daquele jeito. Poderia ter sido a mesma parte da minha mente que achou uma boa ideia tatuar o nome dela no meu peito.

Eu nunca fui capaz de dizer não a ela. Provavelmente foi por isso que ela estava aqui fazendo esse pedido.

Mas... e quando ela engravidasse?

Eu não seria capaz de jogar essas sensações para debaixo do tapete e voltar a normalidade.

Levantei-me e ela olhou para mim.

— Não. — Respondi.

E doeu profundamente. Em nós dois. Eu percebia a mágoa e a tristeza em seu olhar.

Eu saí antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, ou antes que

sentisse pior.

Fui para casa. Enquanto trabalhava na plantação, arando a terra, percebi que meu celular não vibrou nenhuma vez. Não era comum, já que Manu me mandava mensagens durante todo o dia.

Quando a noite chegou, pela primeira vez em anos, não conversamos sobre como foi o nosso dia. A mesma coisa de manhã.

Eu não precisava ir à cidade naquele dia, mas fui. Sabia que no sábado a irmã dela se casaria, e que Manuela estava ajudando com a festa. Então, a procurei no salão onde iria ocorrer a recepção.

O cabelo dela estava solto. Seus lábios num rosa suave, e um toque avermelhado em seus olhos que me disseram que havia chorado. Ela usava shorts curtos que mostravam suas pernas bronzeadas e uma blusa com renda que lhe dava um ar delicado.

Ela parou no meio do salão e olhou para mim. Também foi a primeira vez em que fui vê-la e ela não parecia feliz em me ver. Parecia desconfortável e inquieta. Irritada, com certeza.

— Oi — eu disse, ansioso.

Ela cruzou os braços.

— Não tive notícias suas ontem à noite. Acho que você ainda está com raiva de mim.

— Eu não acho que nós temos o que conversar.

Nós tínhamos muito a conversar.

— Manuela, você não pode ficar chateada comigo por algo assim. Isso

não é justo.

— Concordo. Estou sendo infantil, não é? É que eu tive a idiota ideia de que, tendo um problema, você estaria ao meu lado para solucioná-lo. Descobrir que você não “está aqui” para qualquer coisa foi brutal para mim. Mas esse é meu problema. Meu. E foi injusto da minha parte arrastá-lo para ele.

Ela respirou fundo e se endireitou.

— A culpa é minha, sou tão burra que não pude ver que essa foi a pior ideia de todas. Fui eu quem pensou que, dentre todos os homens deste planeta, você é o melhor. E exatamente o melhor cara é alguém que não me quer.

Uma lágrima escorreu por sua bochecha e ela suspirou. Então, ela me deu as costas e se afastou.

Fiquei travado no local.

Pelos céus, Manu estava errada.

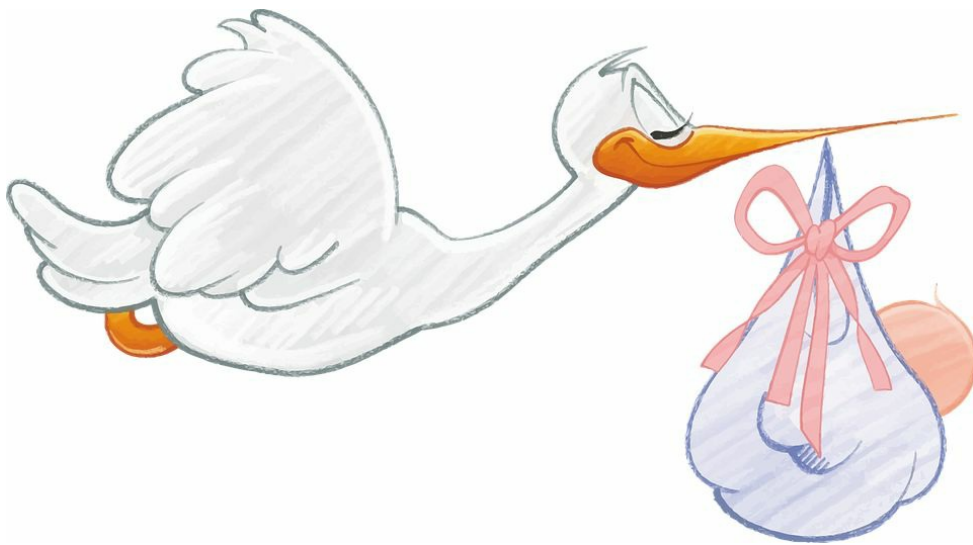
Ela não escolheu um cara que não a queria.

Eu a queria.



## *Capítulo Cinco*

### *Manuela*



Eu não estava no clima para aquele casamento.

Havia uma lacuna forte e presente na minha alma, após ficar distante durante toda a semana de Gustavo.

Ele estava certo, eu estava louca. Durante aquela semana, eu propus sexo para engravidar com dois homens distintos. Um apenas pela aparência, e outro por ser meu melhor amigo.

E o pior é que nem ao menos eu sentia culpa...

Eu fiz tudo isso com a esperança de cumprir a missão de conseguir um bebê. No meu coração, eu sabia que era bizarro e percebi rapidamente que,

apesar de parecer certo para mim, isso não significava que seria adequado para os outros.

E agora eu estava sem Gus...

Nossa última conversa havia sido na terça, e já era sábado. Possivelmente, eu havia arruinado uma amizade de mais de trinta anos porque queria que meu melhor amigo tivesse um filho comigo.

Ele estaria no casamento hoje e provavelmente não falaria comigo.

Durante o dia, fiz o cabelo e a maquiagem. Meu vestido de dama de honra estava um pouco apertado – sim, perfeito! Eu engordei um pouquinho às vésperas do casamento – mas no geral estava pronta para o casamento.

Quando vi minha irmã no quarto da casa dos nossos pais, não pude evitar o ciúme. Geovanna estava deslumbrante. E estava feliz. Quando eu teria esse tipo e felicidade?

— Você está bem? — ela indagou, depois de perceber que eu havia ficado em silêncio durante todo o dia.

Eu assenti.

— Tem certeza? — minha irmã insistiu. — Notei que você não ligou para Gustavo hoje. E você nunca fica sem falar com ele.

— Acho que eu não tinha nada para falar com ele.

Geo parecia preocupada. E não era justo eu trazer isso para o dia do seu casamento. Assim, me vi falando a verdade.

— Decidi que queria ter um bebê e pedi a Gustavo para ser o pai.

Geovanna ofegou, os olhos se arregalaram e começou a engasgar. Ela tossiu tanto que eu tive que me levantar e pegar um pouco de água.

— O que ele disse? — ela indagou depois de um gole, olhando para mim com grande curiosidade.

— Que não.

O silêncio preencheu o quarto. Eu senti que Geo queria dizer algo, mas decidiu manter a boca fechada. Depois, a porta se abriu e o fotógrafo entrou.

— Vamos começar com as fotos? — Ele disse, sorrindo para nós.

— Por favor, nos dê cinco minutos — minha irmã pediu, me surpreendendo.

Ele assentiu e nos deixou. Assim que a porta se fechou, Geovanna se aproximou de mim, parecendo mais séria que de costume. Fiquei emocionada quando percebi os seus olhos carregados de preocupação. Era o dia mais importante da sua vida, mas ela estava focada em mim.

Ela pegou minhas duas mãos e sorriu.

— Irmã, estou aqui... Apenas fale que eu vou te ouvir.

Eu balancei minha cabeça.

— Estou bem. Eu só preciso terminar este fim de semana.

— Por que você não me contou sobre toda essa ideia de bebê? E Gustavo? Você podia ter se aberto comigo...

— É o seu casamento. Geovanna, estou tão orgulhosa de você e

orgulhosa do homem incrível que você encontrou. Ele é digno de você, alguém que você ama. Isso é uma graça divina.

— Obrigada. Mas, por favor, fale comigo. Estou aqui. O que fez você decidir ter um bebê?

Eu pensei sobre isso e olhei para ela.

— Eu não sei... eu estou ficando velha e sozinha... — murmurei. Minhas próprias palavras me surpreenderam.

Fiquei chocada.

— Você não está sozinha, Manuela.

— Você sabe o que eu quero dizer. Um homem pode deixar você. Ele não precisa ficar. Mas seu filho é para sempre, não importa o que aconteça. É seu sangue.

Ela assentiu e parecia ser a única pessoa que olhava para mim com compreensão desde que tive essa ideia.

— Entendo, Manuela, realmente entendo. Fale comigo sobre Gustavo... Então, ele disse que não. Ele disse o porquê?

— Disse que é uma ideia estúpida e louca. Eu não deveria ter perguntado a ele. No começo, eu queria apenas que fosse alguém de boas referências, mas depois pensei que seria melhor ser com alguém que eu confiava. Então, no meu cérebro distorcido, pensei nele.

— Distorcido? Não, eu não penso assim. Manuela, quero te dizer uma coisa, e quero que preste atenção.

Eu me sentei ereta, pronta para ouvir.



— Acho que Gustavo é apaixonado por você desde sempre, mas esconde esses sentimentos de todos, até de si mesmo. Por isso, ficou apavorado quando lhe perguntou isso. Porque ele teria que encarar o fato de que a ama.

Eu quase gargalhei.

— Não, ele não me vê assim...

Geovanna apertou minhas mãos.

— Apenas dê a ele algum tempo. Não fique muito chateada com isso. Não tenha pressa. É questão de tempo para você perceber que seus sentimentos também são confusos.

Eu balancei a cabeça e a porta se abriu novamente. O fotógrafo voltou.

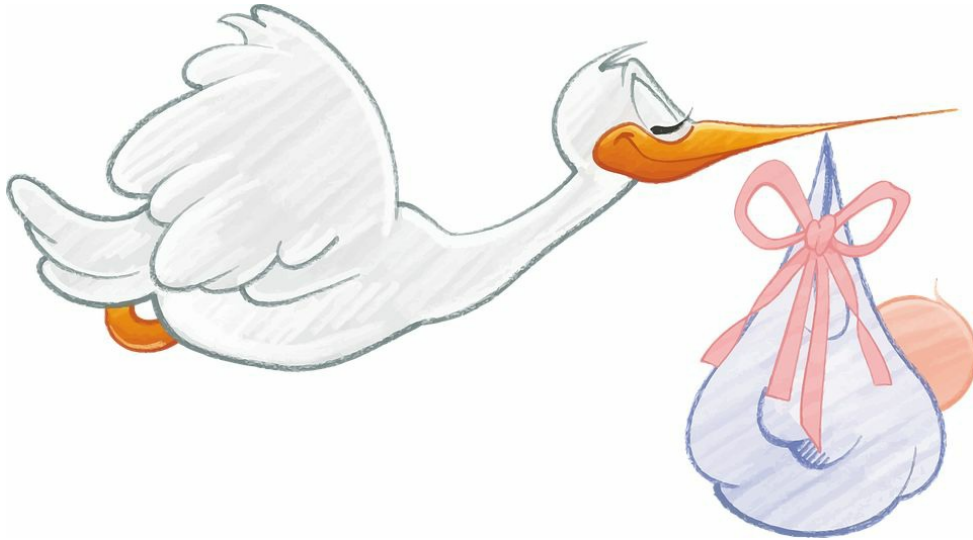
— Desculpe, senhoras, preciso de vocês agora, porque temos que cumprir os horários.

Era o casamento de minha irmã, e decidi afastar qualquer outro pensamento da minha mente. Sorri para o fotógrafo e segui Geo para a ala exterior da casa.

Naquele dia, eu ficaria focada em Geo. Eu a amava, e ela merecia ser a estrela daquela noite.

# *Capítulo Seis*

*Gustavo*



Cheguei tarde ao casamento, porque queria evitar qualquer constrangimento com Manuela.

Entrei no momento em que as últimas pessoas estavam se sentando. Eu nem sequer me sentei onde deveria, e fiquei na última fileira da Igreja, junto com os amigos menos chegados.

Algumas pessoas acenaram para mim, respondi, mas desviei o olhar, não querendo papo com ninguém. Eu costumava ir para a cidade dia sim, dia não, mas naquela semana, eu desapareci de Esperança.

Temi me encontrar com Manu. De fato, apesar de estar me sentindo mal por ela, eu não conseguia encará-la sem também perceber o fato de que talvez...

Meu Deus...

Na última semana eu só conseguia pensar em crianças de cabelos escuros correndo pela minha fazenda. E eu quase a visualizei na porta da minha casa, me esperando com um sorriso nos lábios.

Aquele tipo de sonho... não era algo que eu experimentasse com Manu. Não com Manu.

Você não arrisca a amizade da sua vida com algo que pode dar completamente errado.

O casamento foi lindo. A cerimônia católica teve a participação do coral infantil e eu adorei a maneira singela como o padre transcorreu os ritos.

No meio da congregação, entre as damas de honra, eu vi Manuela. Notei que ela desviava seguidamente o olhar dos noivos e observava as pessoas sentadas, especialmente o local onde eu devia ter me sentado. Mas, ela não me viu. E seu olhar pareceu decepcionado. Provavelmente pensou que eu não tivesse vindo.

Na festa após o casamento, por fim, nossos olhares se cruzaram. Mas, mesmo eu percebendo a dúvida e a vontade de aproximação, ela permaneceu parada no mesmo lugar perto do bar, e eu não tive coragem de ir até ela.

— Olá, quer dançar?

A pergunta veio de uma loira bonita que eu mal conseguia me lembrar quem era. Aceitei o convite, e fomos até o centro do salão.

Nossos olhares se cruzaram de novo. Agora havia fúria fúria em seu rosto.

Eu quase ri. Não importava com quem eu estivesse, meu pensamento estava tomado por Manu.

Quando a dança terminou, eu fui beber. Eu precisava. Ficar longe dela era exaustivo, quase uma dor física. Sabia que ela se sentia igual, porque o copo dançou durante boa parte da noite entre seus dedos.

Foi vinho, cerveja, martini... Céus, ela estava misturando tudo e eu sabia que era péssima com bebidas.

Às dez horas, decidi ir para casa, quando eu a vi com dois caras do lado de fora, na varanda. Um a tinha sentado no colo dele, e o outro estava lhe dando champanhe.

Eu estava prestes a descer as escadas mas travei, olhando para eles. Manuela com certeza estava completamente fora de si, e só Deus sabe como aqueles caras podiam se aproveitar disso.

Eu fechei meus punhos. Também havia bebido muito, estava bêbado, mas ainda não tinha enlouquecido. De jeito nenhum eu iria permitir que ela fosse usada por aqueles dois idiotas.

— Meninos — ela disse, sua voz pastosa —, eu só quero um bebê. Isso é pedir muito? O último homem com quem falei me disse que não. Vocês acreditam nisso? E ele deveria ser meu melhor amigo. Ele achou que eu era feia e nojenta. Por que mais ele recusaria em me dar um filho?

Meu Deus! Ela falou tão alto que as pessoas que passavam olhavam para ela.

Fui até eles e ela fez uma careta para mim. Os caras olharam para mim e me reconheceram imediatamente.

— Vem cá — eu disse, a puxando pelo braço.

— Relaxe, cara, estamos apenas nos divertindo — o cara sentado

tentou mantê-la em seu colo.

— A diversão acabou. Vamos, Manuela.

— Não. Vá embora, Gustavo. — ela respondeu, balançando a cabeça para mim.

— Ela não quer ir com você , cara — o sujeito com a bebida rebateu e foi burro o suficiente para vir até mim e me empurrar com força no peito.

Eu era pelo menos uns vinte centímetros mais alto que ele. Além disso, eu era forte, estava chateado e bêbado. Não era o momento certo para um idiota qualquer tentar me empurrar.

Agarrei seu pescoço tão rápido que ele não registrou o que estava acontecendo.

Ele gritou e tentou pegar minha mão. Eu apertei mais forte, fazendo-o ofegar. Era uma mensagem alta o suficiente para que o cara segurando Manuela a soltasse e fugisse.

— Gustavo, seu idiota — ela me forçou a largar o outro.

E tão logo ele se viu livre, saiu correndo como um louco. Ele não foi o único que quis fugir. Logo Manuela começou a andar na direção oposta, mas eu peguei a mão dela e a puxei para mim.

— Venha, nós estamos indo para casa — eu disse a ela, segurando-a pelo braço.

— Não, eu quero mais bebida.

— Você já bebeu o suficiente.

— Me deixa — ela ralhou. — Volte para a sua loira. Você passou o dia

inteiro me evitando e conversando com todo mundo. Mas não comigo. — choramingou.

Ela balançou e tropeçou, e eu a firmei.

— Sinto muito.

Eu realmente quis dizer isso. Eu definitivamente sentia.

— Arrependido? — Ela perguntou em um tom sarcástico.

— Sim.

Manu olhou para mim como se estivesse considerando a ideia.

— Foda-se, eu vou beber.

Eu balancei a cabeça. A última vez que ela ficou bêbada assim, achou que era uma boa ideia dançar em cima do carro de um cara. Então ela caiu e quebrou o braço. E isso foi na época da faculdade.

Então, me vi erguendo-a no colo e me afastando com ela em direção a saída. Sim, era um tanto errado eu forçá-la a sair, mas Manu era minha melhor amiga e eu não a deixaria sozinha naquele estado.

Não pude pegar o carro porque estava bêbado, então consegui um táxi que nos deixou diante do seu apartamento.

Apesar de eu ter forçado Manu a sair da festa, ela não brigou comigo no veículo. Ao contrário, permaneceu sentada no meu colo, me abraçando com os braços em volta do pescoço, como fazíamos o tempo todo.

No momento em que paramos na frente do seu prédio, eu tive que buscá-la no carro e carregá-la. Quando me vi tropeçando, sabia que a bebida

que tomei estava me afetando.

Deus, precisava dormir.

Nem queria pensar na ressaca do dia seguinte.

Manuela passou os braços em volta de mim e esfregou o rosto no meu.

— Eu já te disse o quanto amo sua barba e seus lábios. Você fica parecendo aqueles lenhadores americanos, super sensual — ela murmurou no meu ouvido.

— Manuela, você odeia minha barba. Sempre que pode, você a raspa.

Ela riu e eu a coloquei no chão quando passamos pela porta.

— Eu menti, Gustavo. Eu a raspo para que você não fique irresistível.  
— Ela riu e foi para a cozinha. — Vamos beber! — exclamou em seguida, alegremente.

Eu a segui e peguei a mão dela.

— Manuela, acho que você deveria ir para a cama. Que tal bebermos amanhã?

Ela sorriu e passou a mão no meu peito.

— Eu ouvi a palavra “cama” e pensei em sexo. Eu sou boba. — Ela riu. — Tenho que tirar esses pensamentos sujos da minha cabeça. Não se preocupe, segunda-feira vou começar a planejar uma inseminação artificial. Acho que em Porto Alegre existe o tratamento...

Eu a encarei. Essa era a parte em que eu deveria rir como ela estava fazendo, mas não era engraçado. A tristeza em seus olhos era evidente.

— Manuela, não.

Ela fez beicinho e se afastou de mim.

— Sim. Farei isso. — Ela continuou até o armário, abriu-o e pegou uma garrafa. Eu a observei balançar ao redor do balcão para pegar dois copos do armário acima. Ela derramou o licor em cada um deles e estendeu um copo para mim.

— Eu não posso mais beber, querida.

Eu já tinha passado do meu limite e tinha a sensação de que perder a cabeça com ela no meu estado atual seria mais permanente que fazer uma tatuagem.

Ela fez uma careta.

— Você não dorme comigo e não bebe comigo. O quê aconteceu conosco?

Ela disse isso como se estivesse falando de algo trivial, como se eu discordasse de algo que ela comprou. Suspirei e revirei os olhos para ela.

— Manuela, precisamos conversar sobre isso.

Esse era o pior momento para uma conversa, mas não podíamos mais ficar com aquele assunto pendente. Podia custar nossa amizade, nossa cumplicidade. Eu preferiria morrer do que perdê-la.

Manu pegou a garrafa e bebeu, depois estremeceu como se tivesse provado algo terrível. Ela tomou outro gole, bateu a garrafa com força no balcão e depois olhou para mim.



— Por que, Gus? Eu dificilmente sou a mulher mais feia com quem já estive. Mas você me trata como se eu fosse nojenta. Eu sou nojenta? Céus, mês passado você transou com aquela garota que fuma maconha... — diante do meu olhar assombrado, ela continuou. — Eu sei que você dormiu com ela. E ela nem toma banho todos os dias.

Suspirei.

— Você lembra o nome dela? — Manu indagou.

— De quem?

— Da maconheira.

Não, eu não lembrava.

— Foi apenas sexo. Vinte minutos e nunca mais.

— Podia ser assim entre nós. Vinte minutos.

— Nunca seria vinte minutos, Manuela.

Ela pegou o copo e se aproximou de mim, mais uma vez estendendo-o para eu pegar.

— Beba. — Ela empurrou o copo no meu peito. — Beba! Droga! Você não me dá sexo, não me dá companhia para bebida, por que diabos você está na minha vida?

Deus... o que diabos eu ia fazer com ela hoje à noite?

Peguei a bebida e bebi, é claro, porque precisava. Merda, era tão forte que queimou o fundo da minha garganta, e o pequeno gole que eu ingeri parecia ter atingido minha mente imediatamente.

— Beba mais — ela ordenou.

Outro gole e coloquei o copo de boca para baixo. Eu não conseguia mais ingerir álcool. Estava completamente estafado.

— Manuela, eu preciso ir. Foi uma noite longa.

— Você disse que deveríamos conversar. — Ela franziu a testa. — Então vamos conversar.

Eu não sabia como ela estava conseguindo ser tão coerente, porque meu cérebro não estava funcionando. Estava muito alto.

— Não essa noite. Eu não posso.

— Sou eu, não é? Essa é a resposta.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Estava começando a me cansar daquele olhar triste. Eu odiava vê-la assim.

— Apenas me diga: seria mais fácil para você estar com outra pessoa? Eu não sou do seu tipo? — Ela levou o copo a boca e bebeu mais. — Eu sou tão estúpida. Eu já sei de tudo isso, então por que estou perguntando?

Estendi a mão e segurei seu rosto. Queria tocá-la. Precisava disso.

— Manuela, você é linda.

Através da névoa cheia de bebida, algo brilhou em seus olhos e iluminou seu rosto.

— Sabia que você nunca me elogiou assim?

Arregalei os olhos. Nunca? Por quê?

— Por que nunca disse para mim que eu era linda, Gus?

Eu estava queimando.

Suas palavras penetraram em mim. Bem na minha mente, naquela parte de mim que eu estava evitando a tantos anos.

Ela segurou meu olhar, olhando para mim com aqueles lindos olhos. Sua pele estava tão macia contra as minhas mãos. Aproveitei o momento e passei o dedo pela borda do seu rosto e amei o jeito que ela fechou os olhos, saboreando o toque.

Quando seus olhos se abriram, ela alcançou minha mandíbula e passou os dedos pela minha barba e até o topo do meu lábio.

— Eu vou te beijar agora. — Ela avisou. — E, só para deixar claro, não será assim que um amigo deve beijar outro. Vou te beijar porque quero você, Gus, porque estou ardendo, e precisei beber muito para confessar isso.

Mesmo se eu não estivesse bêbado, não teria como eu dizer não. Ela agarrou a ponta da minha camisa e me puxou para baixo, mas ela não precisava. Eu alisei minha mão atrás da cabeça dela e a trouxe para mim quando abaixei meus lábios nos dela para reivindicar sua boca.

Quando minha boca bateu na dela, ela deixou de ser Manuela, minha melhor amiga. Nesse instante, ela se tornou Manuela, a mulher que eu vi se transformar nesse ser incrível que eu também queria.

Porra, isso estava acontecendo. Estava louco por ela. Fogo e eletricidade correndo pelo meu corpo e pelas minhas veias.

Eu varri minha língua em sua boca quente, emaranhando com sua língua deliciosa e inclinando seu rosto para que eu pudesse beijá-la mais

profundamente. Foi quando o beijo ficou faminto e ela puxou minha camisa com tanta força que os botões se abriram.

Agarrei sua cintura minúscula, saboreando a sensação dela em minhas mãos, e me movi com ela para que eu pudesse prendê-la contra a parede. Foi aí que eu definitivamente enlouqueci. A necessidade selvagem e primitiva de tê-la me consumiu e alimentou todos os meus movimentos.

Nós rasgamos as roupas um do outro. Minha jaqueta saiu e minha camisa estava aberta, pendendo dos meus ombros. O vestido estava enrolado na cintura. Eu segui uma linha de beijos da boca até o pescoço, e o pequeno gemido que deixou seus lábios quase me fez gozar.

Ela se afastou, pronta para dizer alguma coisa, mas então seu olhar caiu no meu peito e ficou lá.

Eu não sabia o que ela estava olhando até que ela passou os dedos sobre minha pele nua e sorriu.

Eu olhei para a minha tatuagem. Ela passou os dedos sobre o seu nome marcado sobre o meu coração em itálico preto.

Chega de resistir.

Tudo na vida tem um limite e eu havia chegado ao meu.

Desci a alça do seu vestido e vi o lindo sutiã rendado diante dos meus olhos. Estendi a mão e abri o pequeno fecho. Liberei aqueles lindos e macios seios fartos. Mamilos apertados, empinados e rosados apontaram para mim, implorando para serem sugados.

Com um sorriso malicioso, enchi minhas mãos com seus seios e voltei para seus lábios, decidindo que iria entrar nela hoje à noite.

Deitei-a no chão, puxando o vestido embolado na cintura, através dos pés, deixando-a nua completamente, à minha mercê.

Caí de boca naquele amontoado pélvico delicioso que brilhava, molhado, na minha direção.

— Gustavo... Gustavo — ela gemia meu nome e aquilo foi me deixou louco. — Foda-me — implorou.

Eu estava muito bêbado. Meu pau estava duro, mas eu não consegui encaixá-lo em Manu.

Porra! Aquilo era errado, tinha que ser!

Você não faz sexo com a pessoa mais importante da sua vida, quando mal consegue manter os olhos abertos.

## *Capítulo Sete*

*Manuela*



Meus olhos se abriram com dificuldade naquela manhã de domingo. Uma dor de cabeça insuportável, derivada da ressaca, me tomou enquanto pensamentos filosóficos se apoderavam de mim: quem eu era? O que estava fazendo? Por que existia? Qual o sentido da vida?

E o mais importante: onde eu estava?

Eu senti a dureza contra as minhas costas. Era o piso liso e frio. Pus a mão e percebi ser uma cerâmica. Então eu tinha que estar na cozinha. Era o único lugar da casa que não tinha assoalho de madeira.

O calor flutuou sobre meu estômago e uma mão segurou meu peito

direito e apertou. Isso me fez abrir os olhos e me vi olhando para a madeira clara do armário da cozinha.

Sim, eu estava no chão e ao meu lado estavam minhas roupas. Sutiã e calcinha em uma pilha, meu vestido ao lado de uma camisa.

Camisa de homem.

Um gemido profundo soou contra minhas costas, e me virei novamente me encontrando envolto por braços fortes.

Braços muito fortes, com enormes bíceps presos a um tronco que parecia ter sido esculpido em rocha sólida.

Eu não conseguia olhar para o rosto, tão presa estava, mas uma parte de mim simplesmente se perguntava como eu não estava surtando por acordar nua junto àquela montanha de músculos, sem ter uma única lembrança da noite anterior.

O que diabos havia acontecido?

Havia sido o casamento de Geo... Isso. Eu bebi... Isso... Eu... eu estava choramingando pra dois caras sobre... sobre Gus... e então... então... Eu congelei quando alguns flashes me tomavam. Ergui lentamente o rosto e o vi.

Gustavo.

Ele estava dormindo, a barba espinhando o topo da minha cabeça, o rosto tranquilo, os cílios escuros abaixo da sobrancelha espessa, a boca bem formada, o maxilar quadrado... Deus, era Gustavo!

Ele estava nu, e eu estava nua e... não me lembrava.

Eu ofeguei, e seus olhos se abriram.

— Manu?

Ele fechou os olhos novamente, mas eu o sacudi para acordá-lo.

— Gustavo, levante-se.

Ele fez uma careta para mim, abriu os olhos novamente e seu olhar pousou em meus seios nus, que eu acabei de perceber que estavam nus. Peguei meu vestido e me cobri.

— Manuela?

Ele pulou na posição vertical, e minha boca abriu, espantada. Meus olhos pousaram em seu pênis enorme, e eu enrubesci. Porra, eu sentia o rosto pegando fogo.

Ele me observou como se analisasse a situação. Depois, pegou sua camisa e levantou-se, cobrindo-se com ela enquanto procurava por suas calças.

— Gustavo... — Eu também me levantei e meu coração afundou quando ele não respondeu.

Meu corpo inteiro ficou tenso pela maneira como seu rosto estava numa carranca brava.

— Gustavo!

Ele olhou para mim agora, seus olhos se encheram de algo que eu não reconheci.

— Não me lembro do que aconteceu — disse a ele, como se isso fosse uma boa desculpa.



Ele estremeceu e soltou um suspiro profundo.

— Também não me lembro.

— Você acha que...?

Não pude dizer as palavras porque, de alguma forma, uma dor me tomou quando pensei que ele considerasse que tudo fosse um erro. Eu não queria que fosse um erro, mas esse era o olhar em seu rosto.

— Eu não sei. Eu acho que sim. Acho que sim. — repetiu algumas vezes.

Um erro. O tom de sua voz arrepiou-me. O pavor que pairava no timbre profundo me machucou como um tabefe.

Nós éramos melhores amigos e, poucos dias atrás, ele me disse “não” quando eu pedi que ele fosse o pai do meu filho. Tudo parecia tão bizarro.

O que eu fiz?

Como eu fiz isso?

Como eu poderia pensar que isso era certo?

E... Eu poderia estar grávida. Eu tive relações sexuais desprotegidas com meu melhor amigo e poderia estar grávida.

Eu estraguei tudo. Eu estraguei tudo.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha quando me ocorreu que isso poderia ser o nosso fim. Se eu estivesse grávida, ele jamais me perdoaria.

— Sinto muito — sussurrei, e algo pareceu amolecer em seus olhos.

Ele deu um passo à frente e uma mecha de cabelo caiu sobre os olhos. Ele estava prestes a dizer algo, mas suas palavras se retraíram quando passos soaram, e a porta da cozinha se abriu. Sabrina e Claudia surgiram à porta.

Ambas pararam quando nos viram. Suas bocas se abriram. Gustavo ficou tenso ao meu lado e, naquele momento, eu desejei como um buraco negro me engolisse.

\*\*\*

Ele saiu depois disso, e quando ouvi a porta da frente fechar, meu coração afundou no peito.

Eu me vesti e fui para a sala de estar enquanto Claudia se mantinha na cozinha para arrumar um café com biscoitos. Sabrina entrou na sala comigo e sentou-se ao meu lado. Ela não fez nenhuma pergunta, não fez nenhum comentário ou qualquer coisa, apenas se sentou à minha frente e esperou que eu estivesse pronta para conversar.

O problema era que eu não sabia quando isso seria. Havia tantas coisas correndo pela minha mente.

Eu tive uma ideia, agi de acordo com ela e de alguma forma fiz de tudo uma bagunça colossal. Eu dormi com Gustavo. Eu dormi com meu melhor amigo e não conseguia me lembrar de nada.

De nada?

Bom, eu lembro-me vagamente de beijá-lo. Isso, nos beijamos e o fogo do beijo me abraçou, me queimando.

Nós nos beijamos mais. Ele me beijou e eu o beijei. Eu não conseguia me lembrar de mais nada.

— Fale comigo, Manuela — Sabrina me acordou para o presente momento. — Você pode se abrir, não precisa sofrer em silêncio.

Eu respirei fundo e lágrimas correram pela minha bochecha. As lágrimas que eu estava segurando desde que Gustavo saiu.

— Eu estraguei tudo, Sabrina. Eu realmente estraguei tudo. Não me lembro de nada, ou como tudo aconteceu, mas dormi com Gustavo. Não me lembro, mas sei que dormimos juntos.

Ela mordeu o interior do lábio.

— Manuela, não acho que você deva se culpar. Ambos são adultos, não há nada de mal nisso.

— Sério, Sabrina? Você acha que a nossa amizade será igual, agora? Não foi algo organizado, preparado, algo calculado como quando pedi para ele ser o pai do meu filho. Céus, foi após um porre... e eu nem me lembro da situação.

— Manuela, você sabe o que é isso? É desejo reprimido. Há uma razão para as pessoas incomodarem vocês dois sobre essa amizade. É porque todos nós conseguimos ver algo que vocês dois escondem até de si mesmos.

Se isso fosse há alguns dias, eu teria ignorado as palavras, mas agora parecia que ela estava me chamando para a verdade.

— Sabrina, eu nunca pensei que ele me veria assim. Eu estraguei tudo. O que eu vou fazer? — A pergunta era mais para mim do que para Sabrina.

— Fale com ele — sugeriu.

Falar... Ele era a única pessoa neste mundo com quem eu sempre

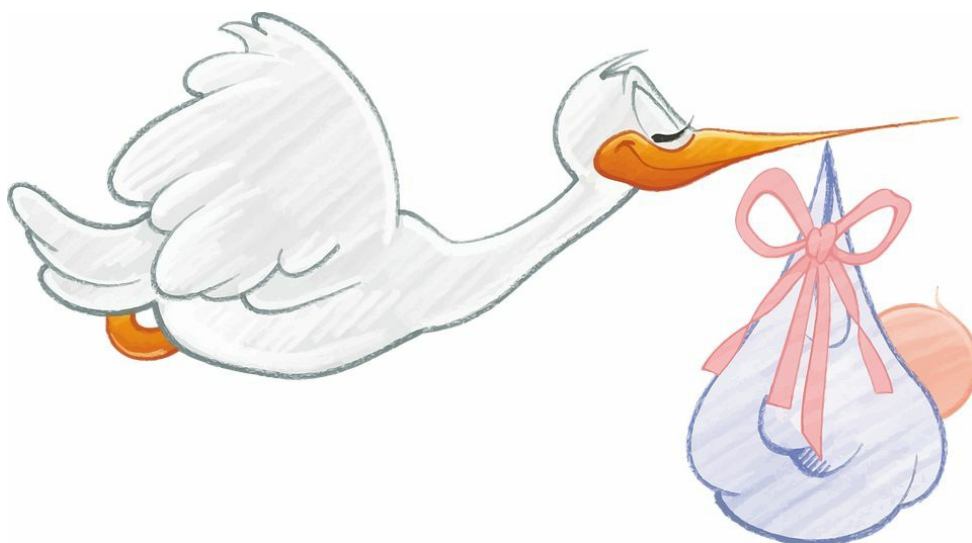
podia conversar sobre tudo e qualquer coisa. Falar com ele depois desse encontro, no entanto, parecia me mandar para uma sentença de morte.

Eu poderia estar grávida. Eu não estava tomando nenhum anticoncepcional e estava no meu período fértil.

Definitivamente, eu não queria forçá-lo a ser o pai do meu bebê.

# Capítulo Oito

*Gustavo*



Queria me lembrar de como eu podia ter acabado fazendo sexo com Manuela na noite passada, mas nada surgia na minha cabeça. Nada além do ponto em que tirei minhas roupas.

O que eu lembrei foi suficiente. Eu sabia que havia perdido o controle e me aproveitado da sua vulnerabilidade. Eu era um cretino!

Estava sentado na praça local há três horas. Era pouco depois da hora do almoço, e eu estava pensando e desejando me lembrar se realmente dormi com Manuela. Naquele ínterim eu percebi uma mulher cruzando a rua e indo de encontro a um homem.

Era Manuel Fontes. Eu sabia que ele havia enterrado a tia na semana anterior e estava destroçado<sup>[1]</sup>. Talvez eu devesse ir até ele prestar minhas condolências, mas não me mexi do lugar. Vi ambos conversando e logo em seguida eles deixaram o lugar. Então, os esqueci.

Tudo o que me veio à mente foi Manuela. Fiquei cego na pequena lembrança de beijá-la e ceder em seus seios.

Tudo que eu tinha na minha cabeça era ela com seus peitos empinados no meu rosto e eu chupando eles enquanto ela gemia de prazer.

Beijar e provar... E então o que veio a seguir?

Lembrei-me de cair de boca em seu centro. E era isso. Como um filme em que as cenas quentes são cortadas pelo diretor.

Porra, e agora? O que eu faria agora?

Eu sei que não usei camisinha e estava supondo que, como ela estava nessa missão de bebê, talvez ela também não estivesse tomando a pílula. Então, foi isso. Eu caí na teia da aranha. Não maliciosamente, mas caí.

É claro que, como homem, eu devia ter resistido. Ela estava bêbada e magoada, e eu tinha obrigação de... mas, foda-se. Quando, em nome de Deus, eu resisti a Manu? Tirando a parte do bebê, eu sempre fiz tudo que ela quis. Assim, não demorou muito para ela derreter minha decisão.

Estar bêbado não era uma desculpa.

Por que diabos não me lembro?

Estremeci, levantei-me e chutei uma pedra na lagoa.

Sentindo-me derrotado e frustrado, voltei para casa. Fui lavar a plantação, na esperança de aliviar um pouco minha mente em desordem.

Eu tinha que falar com ela mais tarde. Mesmo que fosse por uma mensagem no celular.

Eu não saberia o que poderia dizer, mas tinha que ser alguma coisa.

Não importa o que aconteceu entre nós, seria errado deixar isso no ar e não falar nada.

Mais tarde fui para casa, tomei um banho e estava prestes a sair quando minha campainha tocou às dezoito horas. Pensei que fosse Manu - eu esperava que fosse ela -, então corri para atender.

Quando abri a porta, arrependi-me instantaneamente. Andressa estava diante de mim parecendo pronta para seduzir. Seus brilhantes olhos azuis me olharam selvagememente.

— Oi, Gustavo — ela murmurou e entrou sem convite.

Não era o meu melhor dia, então fui um tanto direto.

— Andressa, não pretendo ser grosseiro, mas o que você está fazendo aqui? — Eu não estava com disposição para lidar com ela e não tinha certeza de qual jogo ela estava jogando.

— Ei, não seja tão desconfiado. É domingo, e domingos me fazem pensar em você. Você lembra como nós costumávamos passar os finais de domingo?

Sexo puro iluminou seus olhos, me levando de volta aos dias do passado. Foi selvagem e, como ela foi a primeira mulher com quem realmente me permiti baixar a guarda, eu dei tudo de mim. Contudo, ela não era nada em comparação com Manuela.

— Estou ocupado — voltei a ser direto.

— Fazendo o quê? Você não parece tão ocupado para mim. Mas pode ficar... — Ela sorriu.

Suas palavras deixavam claro o que ela queria. Mas, eu não estava com disposição.

— Andressa, não tenho certeza se está brincando ou não, mas preciso ser sincero: eu não estou interessado.

— Gus, não tente me colocar de lado. Você não vai conseguir. Você nunca me recusaria. Eu sei que te machuquei, mas às vezes essas coisas acontecem. Relacionamentos não são perfeitos.

Ela se aproximou de mim.

— Nós éramos selvagens juntos, Gustavo. Você e eu. Eu quero isso de volta. Quero você de volta.

Eu a encarei, e algo despertou em minha mente. A lembrança de Manuela nua diante de mim, desfazendo-se em meus braços enquanto eu beijava seu pescoço. Então o pensamento de estar tão próximo dela tanto fisicamente quanto espiritualmente. O pensamento da pele contra pele me fez suspirar. Então o sentimento ... Lembrei que foi o sentimento que mudou tudo, porque fez a realidade penetrar minha alma.

Ela adormeceu nos meus braços e durante boa parte daquela noite, eu observei seu sono sem entender como toda aquela paixão não havia eclodido antes.

Lembrei-me.

Nós não fizemos sexo. Apesar de eu querer, eu não consegui. Nós dois estávamos muito bêbados, eu não consegui encaixar nela. Mas... mesmo assim.. aquela proximidade...

Andressa passou o dedo sobre mim novamente e eu saí do seu alcance.



— Nós terminamos, Andressa. Nós terminamos — disse a ela. Andressa parecia não acreditar. Isso não a perturbou. Ela sabe que é uma mulher que sempre consegue o que quer. Mas, nem desconfiava que eu era um caso perdido.

Ela me deu aquele sorriso astuto novamente.

— *Never Say Never* — sorriu. — Essa música do Justin Bieber era minha favorita, lembra?

Eu lembrava. E achava imaturo. Música de adolescente. Mas, nunca a critiquei pelo gosto.

Ela passou por mim e voltou pela porta.

Visualizei Andressa entrar em seu carro esportivo e ir embora, cabelos ondulando ao vento.

Ela já foi problema meu. Não era mais.

Quem eu precisava focar agora era em Manuela.

Lembrei do que aconteceu. Nós não dormimos juntos. Eu precisava contar a ela. Eu só não tinha certeza se ela ficaria feliz ou triste com isso. No entanto, precisávamos conversar. Eu precisava falar com ela.

\*\*\*

Foi Sabrina quem me deixou entrar quando cheguei à casa de Manuela. Manuela estava no quarto dela. A porta estava aberta. Ela estava escrevendo algo em um bloco de notas, mas parou quando eu entrei. O início do sorriso

habitual que ela normalmente me daria inclinou no canto da boca, mas desapareceu, e o medo encheu seus olhos.

— Oi, hum... eu ia te ver, ou ligar — ela gaguejou.

Fui até ela e me agachei. Eu sorri, mas ela olhou para os dedos, as bochechas corando.

— Sinto muito. — Seu murmuro foi dito com os olhos baixos. Quando seu olhar voltou a encontrar o meu, seus olhos brilharam com lágrimas. — Você veio dizer adeus? — Então, começou a falar como uma metralhadora. — Eu entenderia. Sério, eu sei que cruzei todos os limites com a coisa toda do bebê, e fui egoísta. Foi minha culpa que dormimos juntos.

Eu nunca pensei que ela se culparia. Eu duvidava que fosse o tipo de coisa que uma mulher pudesse se culpar.

Mantive o sorriso.

Como seria estar com ela? Eu cobri suas mãos com as minhas.

— A parte de dormir juntos nunca aconteceu.

E foi assim. Despejei tudo sem muita preparação.

— Não?

— Eu lembrei de tudo. Não aconteceu.

— É sério? Oh... bem, isso é ótimo. — Ela assentiu e sorriu, mas o sorriso não alcançou seus olhos.

Se eu fosse outra pessoa, teria acreditado que ela realmente achava ótimo. Mas eu sabia que o que ela estava dizendo e o que estava sentindo

eram duas coisas diferentes. A lágrima que desceu por sua bochecha confirmou meus pensamentos.

Seus olhos desviaram dos meus e caíram na revista sobre gravidez ao lado dela. Junto com a revista havia um bloco de notas onde ela parecia anotar sobre seu período fértil. Sua decepção era palpável.

Peguei o papel e suas bochechas coraram novamente.

— Manu, vai parecer loucura, mas eu tive uma ideia.

Coloquei o bloco de volta na cama.

— Uma ideia?

— Ontem à noite muitas coisas ficaram claras entre nós, Manuela. Nós temos química. — Eu procurei seu rosto e peguei seu olhar. Já era tempo. Hora de deixar as coisas às claras. —Manuela, fale comigo sobre essa sua ideia de bebê.

— Não — Ela balançou a cabeça. — Foi algo estúpido e louco, como você sempre disse. Agora que sei que não dormimos juntos, posso repensar as coisas. Se algo tivesse acontecido ontem, nossa amizade podia acabar para sempre, e eu não suportaria isso.

Ela enxugou os olhos.

— Deixa disso, Manu. Vamos conversar. — Eu mantive meu olhar nela. — Manuela, o que realmente fez você decidir que queria um bebê? Foi apenas ciúme por Sabrina ou Claudia?

Ela olhou para mim, piscou várias vezes e respirou fundo.

— Eu não saberia explicar isso direito, Gus. É algo que provavelmente

a maioria das mulheres sente ou já sentiu. Eu quero um filho, mas as coisas não deram certo para mim, Gustavo. Eu adoraria fazer tudo do jeito normal e me apaixonar, casar e ter uma criança, mas isso não aconteceu. Eu olho para Geovanna e ela passou por muitas coisas antes de encontrar seu príncipe. Eu sou mais velha e nunca cheguei nem perto. Então, de repente me veio essa ideia de você e eu... você é o único cara que eu tenho certeza absoluta que me ama. Talvez não como Romeu e Julieta, mas amor... Amor é algo tão raro, é tão bom receber isso do melhor amigo. Então, eu pensei... Eu pensei que nós...

Tudo fazia sentido para mim agora. Peguei suas mãos novamente e as levei aos meus lábios, beijando suas juntas.

— Eu farei — disse a ela.

Ela estreitou os olhos para mim.

— O quê? O que você disse?

— Eu vou ter um bebê com você, Manuela — repeti. — Nós vamos fazer um filho, juntos. Nós vamos ter esse bebê.

Essa foi a ideia mais louca que me ocorreu. Mas, eu faria isso. A noite passada foi louca pelo que aconteceu, mas abriu a porta para algo que eu seria um idiota se não explorasse.

— Gustavo... — Ela procurou meus olhos. — Não... eu não quero que você faça algo que não quer. Isso é importante, e você está completamente certo. Isso pode nos mudar.

— E isso seria uma coisa tão ruim? — Perguntei. Algo brilhou em seus olhos, interesse genuíno. — Manuela, eu não disse que não faria isso porque

não queria você. Eu disse que não, porque se nos juntássemos assim... seria real para mim. Eu não poderia ser apenas o cara que faz sexo sem sentido com você, e acho difícil ter um filho com você e não fazer parte de sua vida do jeito que eu quero.

Agora seus olhos ficaram grandes.

— Como assim? Gustavo...

— Você me ouviu, Manuela. Então, aqui está minha própria proposta: nós temos esse bebê, mas você me dá uma chance. Ou nós temos esse bebê, e fazemos como você disse. Nós apenas temos um filho juntos e é nosso, mas eu farei parte da vida da criança e ela saberá quem é o pai.

Um rubor apareceu em seu rosto. Choque proeminente em seus olhos, bochechas coradas, olhos arregalados.

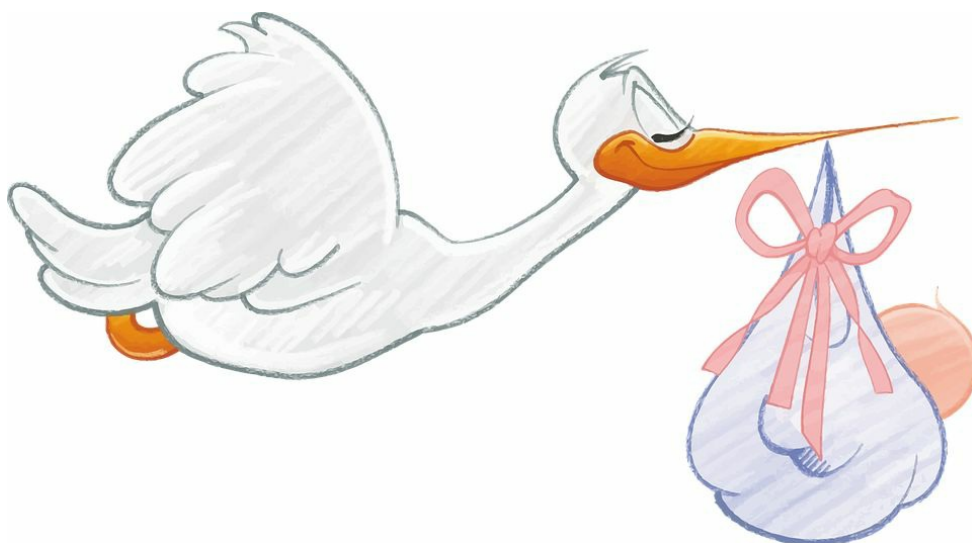
— Não me dê uma resposta agora — Eu disse com um pequeno sorriso. — Tire um tempo para pensar sobre isso. De qualquer maneira, você terá seu bebê.

Ela assentiu muito devagar, mas algo brilhou em seus olhos que me lembrou a noite passada. Isso me deu esperança. Espero que eu não tenha estragado nossa amizade.

Afinal de contas, a deixei com uma escolha.

# Capítulo Nove

*Manuela*



Eu sabia que elas estavam conversado sobre mim. Não havia como esperar que Sabrina guardasse para si uma fofoca tão grande. Eu mesma teria aberto minha boca tão logo pudesse, caso fosse uma delas a estar numa situação parecida. Além disso, disse a Sabrina o que aconteceu logo depois que Gustavo saiu. Eu mesma havia aberto o assunto entre nós.

Geo e Sabrina estavam fofocando no restaurante de Noeli. Eu havia ido lá almoçar e não esperava encontrar minha irmã (que devia estar em lua de mel) malhando a língua junto com minha amiga.

Geovanna pigarreou quando me sentei à mesa.

— Então, eu ouvi dizer que certas coisas estão acontecendo. — Seus olhos brilharam enquanto ela falava. — Certas coisas interessantes.

— O que diabos você está fazendo aqui? Não devia estar viajando?

— Tivemos um contratempo no trabalho do Emerson e a viagem foi adiada para semana que vem. O que é ótimo, eu não queria perder por nada toda essa novidade.

Fechei a cara. Estava azeda.

Cristiane, a garçonete de Noeli, surgiu no meu campo de visão com aquela sua enorme barriga de grávida. Céus, ela havia acabado de ter seu terceiro filho e já estava prenha de novo. Parece que as noites na fazenda do torto, onde ela morava com o marido, estavam bem interessantes.

— Por favor, um café — pedi a ela que logo assentiu e se afastou.

— Ora vamos, irmã — Geo ralhou. — Eu estava certa?

— Sim, você estava certa — respondi, sem hesitar.

— Então o que você vai fazer?

— Eu não sei.

Sabrina sorriu largamente.

— Besteira, você sabe sim o que fazer.

— Eu quero... — murmurei e travei.

O que eu queria? A idéia de estar com Gus era... indescritível. Indescritível e emocionante. Eu queria essa parte mais do que poderia explicar, e isso me emocionou, porque tudo parecia acontecer tão rapidamente.

— Então você sabe o que fazer. — Geovanna insistiu.

Eu soltei um suspiro agudo.

— E se não funcionar? Quando pedi para ele ter um bebê comigo, não pensei que esse seria o resultado. Eu só esperava que ele concordasse porque somos os melhores amigos. Era perfeito porque é Gustavo, e não tínhamos o tipo de relacionamento em que tínhamos que nos preocupar com as emoções.

Geovanna sorriu mais e pegou minha mão na dela.

— Mas, isso não é melhor ainda? Céus, que mulher não daria tudo para se apaixonar pelo melhor amigo?

Definitivamente, isso era assustador, porque o pensamento de que as coisas não dessem certo podia me fazer perder exatamente a pessoa masculina central na minha vida.

— Você tem medo, não é? — Sabrina disse exatamente a questão. — Você tem medo de tudo dar errado. Mas, e se der certo? Pessoalmente, acho que vocês arrasariam como casal. Você jamais saberá se não tentar.

— Dê uma chance, Manuela — acrescentou Geovanna com um sorriso.

Eu sorri. Parecia que eu tinha tomado minha decisão. A clareza encheu minha mente e, pela primeira vez na vida, eu me senti completamente segura.

\*\*\*

Eram oito horas da noite de segunda-feira e o bar já estava lotado. As pessoas de Esperança gostavam de beber.

Todas as cabeças se viraram quando entrei. Eu fui lá como uma mulher



em uma missão, e eu acho que isso ficava nítido pela minha postura ereta e minha determinação ao caminhar.

Observei o ambiente e percebi Gustavo mexendo no celular numa mesa de canto, um copo de cerveja diante dele, e um cinzeiro ao lado. Neste, uma bituca de cigarro ainda ardia, exalando uma fumaça perfumada de menta no local.

Gus não era de fumar, mas quando estava nervoso, ele sempre tragava. Ele não esperava me encontrar ali, então eu soube que ele estava preocupado mesmo sem me ver e saber da minha decisão.

Eu sorri.

Em todos aqueles anos eu sempre percebi o quanto ele era lindo, mas hoje eu tinha a noção de estar diante de uma obra-prima comparável a um deus grego, um excelente show de músculos e jeans azuis escuros que pendiam baixos em seus quadris.

Ele se inclinou para pegar outro cigarro da carteira, quando me viu. Havia em seus lábios um sorriso que aqueceu meu interior.

O cheiro de sua loção pós-barba fez cócegas no meu nariz.

— Você tem uma resposta para mim? — Ele indagou, antes mesmo de qualquer cumprimento.

Eu percebi sua urgência. Eu a sentia. Balancei a cabeça lenta e propositadamente.

— Escolho ficar com você — disse.

Não sei como tive coragem. Meu corpo inteiro estava arrepiado e

tremulo.

— É mesmo? — Ele sorriu.

Eu também sorri quando ele se ergueu e andou até mim, suavizando minha bochecha com um beijo.

Fogo... Lá estava eu novamente, ardendo em chamas. Segurei seu rosto e lhe dei um beijo nos lábios. O bar ficou em silêncio, mas ninguém parecia surpreso. A cidade inteira sabia que nós nos amávamos, apenas demoramos demais para assumir isso.

Ele segurou meu rosto e intensificou o beijo. Quando nos separamos, ele segurou meu braço.

Logo, já estávamos na rua. Depois, no carro dele. Eu não sei como exatamente chegamos a sua casa porque só acordei daquele sonho idílico quando minhas costas bateram na porta da frente, enquanto Gus me beijava com sofreguidão.

Minhas pernas estavam enroladas na cintura dele. Gustavo me levou para o quarto dele e me acomodou junto à parede perto da janela. Meus calcanhares bateram contra ele.

Prendendo-me na parede com a força do seu corpo, ele acariciou a borda da minha mandíbula, traçando o contorno com o polegar. Saboreei a sensação da gentileza.

Foi surpreendentemente delicado contrastando com a necessidade que ele havia demonstrado anteriormente.

Todo esse tempo, seus lábios não deixaram os meus. Mas, quando ele parou para me olhar como se estivesse verificando se eu era real, não pude

descrever o sentimento que tomou conta de mim. Eu o conhecia desde sempre e tinha certeza de que nunca o tinha visto olhar para alguém assim.

Seus lábios voltaram aos meus, trazendo de volta a paixão. Nós nos beijamos, ofegando quando os beijos ficaram famintos.

Quando ele deslizou a mão atrás da minha cabeça para intensificar o beijo, eu respondi ansiosamente ao seu toque e meu corpo inteiro formigou, exaltando a sensação.

Sua boca se moveu pela minha garganta, beijando através da extensão da minha pele nua. Sua boca sensual estava ansiosa para me explorar, então arqueei minhas costas em seu beijo, permitindo que ele beijasse o tecido do meu vestido.

Subitamente, ele parou e deu um passo para trás, respirando com dificuldade.

A perda da paixão minou minha energia e tive que descansar contra a parede.

Por que ele parou?

O pânico me preencheu por um momento, mas ele o acalmou quando sorriu e segurou meu rosto.

— Tem certeza, Manu? Se eu continuar, não vou conseguir parar.

Fiquei surpresa com seu controle. Eu já não tinha domínio desde o instante que ele me beijou.

— Eu não quero que você pare...

— Entenda que eu jamais vou parar depois disso, Manu — ele

contrapôs. — Será algo para sempre. — Era uma promessa verídica.

Meu coração disparou quando ele voltou aos meus lábios, me beijando com força.

Gus puxou meu vestido e, naquele momento, lembrei de tudo da outra noite. Lembrei-me do beijo passado. Lembrei-me das minhas roupas saindo e do jeito que ele me tocou e deleitou-se no meu corpo.

Eu não podia acreditar que tinha esquecido tudo isso. Como me senti e o que ele fez comigo.

Tinha sido irreal e eu lembrei de querer senti-lo dentro de mim. Ele, apenas ele, e isso não tinha nada a ver com o bebê.

As memórias correram através de mim quando meu corpo ganhou vida, lembrando o que havia sentido com ele apenas alguns dias atrás. E como seria agora.

Ele foi até meu lóbulo da orelha e sussurrou com uma voz rouca:

— Tire suas roupas para mim, Manuela.

Suas mãos cobriram meus seios e os apertaram através do meu vestido. Eu dei um passo para trás e sorri quando peguei o pequeno zíper na lateral do meu vestido e o puxei para baixo. Enquanto eu fazia, o tecido apertado se soltou e eu me esquivei dele e me soltei.

Seus olhos se agarraram ao meu conjunto de renda preta.

— Nunca vou esquecer desse momento — disse ele, colocando os dedos na borda da minha calcinha. Ele deu um puxão e alisou os dedos sobre a parte plana da minha barriga.

Eu segurei seu olhar quando soltei o sutiã e permiti que o mesmo flutuasse pelos meus braços. Seus olhos se encheram de luxúria, acariciando-me com dedos invisíveis e quentes quando viu meus seios balançarem em sua direção.

O prazer pulsou em minhas veias.

Gus estendeu a mão e passou os dedos pelos meus mamilos duros. Ele acariciou meus seios, apertando e amassando, tornando-os mais duros, quase dolorosos ao seu toque.

Eu fiquei mais molhada quando ele se inclinou e levou meu mamilo à boca. Gustavo puxou e começou a lambê-lo e chupar. Enquanto isso, pressionou-me contra a parede e fez o mesmo com meu outro seio.

A necessidade bruta encontrou o desejo puro enquanto ele continuava a sugar, e a visão dele fazendo isso comigo era tão quente que quase cheguei ao orgasmo.

A fome por mais me encheu e colidiu com a necessidade de ele me tocasse em todos os lugares. Ele satisfez minha necessidade fazendo exatamente isso.

Gustavo rolou minha calcinha pelas minhas pernas e as jogou sobre a cama, então com um sorriso pecaminoso, ele me prendeu novamente contra a parede, separou minhas coxas e deslizou os dedos dentro da minha boceta.

Eu ofeguei com a sensação, e o sorriso dele se ampliou quando viu o que estava fazendo comigo. Empurrando com mais força, se moveu mais rápido, por dentro e por fora, até que começou a me foder com os dedos.

Convulsionei com prazer, me contorcendo contra seus dedos me trabalhando. Quando ele se moveu ainda mais rápido, eu tive que agarrar seus ombros para me impedir de cair.

Meus pulmões contraíram com a intensidade e a tensão enrolada dentro de mim, sinalizando a chegada de um feroz orgasmo. Eu segurei-o, tentando afastá-lo, mas assim que recuperei o fôlego, ele substituiu os dedos com a língua enquanto enterrava o rosto entre as minhas coxas.

Foi o gemido cru e animalesco que retumbou dentro de seu peito que me fez gozar. O gemido junto com lambidas quentes de sensações ardentes me atormentou e me enviou para o outro mundo.

O orgasmo tomou conta de mim, me deixando tonta de desejo quando o fogo líquido correu pelo meu corpo. Meu corpo se contorceu. Tudo o que pude fazer para aliviá-lo foi gritar, chamando seu nome. Isso o encorajou a me dar mais. Ele continuou lambendo e chupando, empurrando contra o nó duro do meu clitóris até que estivesse satisfeito.

— Manuela... — ele gemeu.

— Eu quero tirar suas roupas — sussurrei.

— Faça o que quiser comigo, minha querida.

Eu sorri, alisei minhas mãos até os botões da camisa dele e a abri. Então afastei sua camisa e me entreguei correndo meus dedos por todo o peito. Terminei abaixando a cabeça para colocar beijinhos ao longo dos cabelos finos de seu peito.

Eu me entreguei ainda mais, desfazendo a fivela do cinto e puxando o zíper. Assim que eu fiz, suas calças caíram pelas pernas, revelando a

protuberância impressionante pressionando contra sua cueca boxer.

Eu tinha a memória do seu pau em minha mente, mas hoje parecia maior.

Segurando minhas mãos, ele pressionou-me contra sua virilha, e eu poderia ter derretido ali.

Ele fechou meus dedos sobre seu eixo, e eu gostei do gemido de prazer que soou em sua garganta enquanto eu o acariciava.

Ele remexeu-se e chutou a cueca para longe. Quando ele se moveu, meus olhos estavam colados ao seu pau.

Como bem me lembrava, era enorme, maior do que quando eu o vi pela última vez, e era meu.

Incapaz de resistir, passei minhas mãos sobre seu comprimento grosso, impressionada com a espessura e o fato de estar tocando-o assim. Ele ficou ainda mais duro em minhas mãos.

Assim, o tempo de exploração acabou. Ele me deitou no centro de sua cama, pairando sobre mim em sua magnificência, olhando para mim como se quisesse me guardar na memória.

Nossos olhos se encontraram, mantendo o significado deste momento. Era aqui que tudo mudaria. Seríamos diferentes do que éramos. Diferente do que sempre fomos e eu queria muito.

Ansiava por isso.

Ele era tudo. Meu coração despertou para esse novo sentimento e aceitou a verdade. Aceitou que uma grande parte de mim sempre o quis, mas tinha tanto medo de tentar que afundei a ideia num mar de vergonha e

repressão.

Agora nós pertencemos um ao outro.

Sua mão na minha pele espalhou meus nervos, me tirando dos meus pensamentos. A fome selvagem passou por mim quando ele separou minhas coxas.

Provocando minhas dobras abertas com a cabeça gorda de seu pau, ele pressionou seu comprimento em mim. Sua pele na minha era incrível. Ele pressionou com mais força, depois empurrou, me fazendo ofegar quando seu pau ardeu em mim, me enchendo completamente. Eu gemi quando ele se afastou quase todo o caminho, depois empurrou novamente muito mais fundo enquanto eu me ajustava para seu comprimento e largura.

Quando ele começou a se mover dentro de mim, aquele fogo disparou com força, roubando meu fôlego. Seus impulsos duros e ásperos me sacudiram profundamente e possessivamente quando ele apertou mais meus quadris e começou a bombear cada vez mais rápido.

Era sexo quente, cru e primitivo.

Outro orgasmo me pegou, lavando-me sobre uma onda quente que me fez arquear nos lençóis. O êxtase irracional tomou conta de mim quando ele começou a me foder com força e meu corpo inteiro estremeceu. Prazer e liberação me tomaram.

Eu estava viva! Eu era mulher!

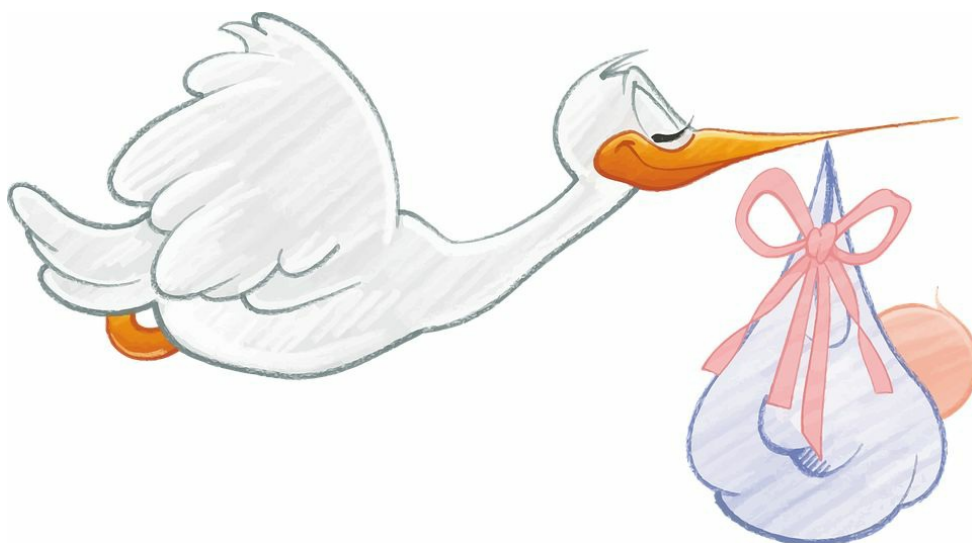
Nós dois ofegamos e gememos, cedendo ao prazer. Eu estava respirando com tanta dificuldade que não conseguia recuperar o fôlego.



Se eu tinha alguma dúvida de que o amava, as incertezas cederam diante do estremecer dos nossos corpos juntos.

# Capítulo Dez

**Gustavo**



Eu queria Manuela. Isso não era mais um segredo para mim. E por mais que eu tentasse, não parava de tocá-la, não parava de desejá-la, não parava de precisar dela. Precisava estar dentro dela. Precisava renovar meu desejo de fazer essa mulher minha.

Minha...

Eu a beijei forte, pressionando mais firme contra a parede interna da sua vulva. Não conseguia me lembrar de que dia era hoje, mas acreditava ser sábado, o que significava que ela estava na minha casa a maior parte da semana.

Segunda foi quando ela veio me dar a resposta para minha proposta. Eu quase perdi a cabeça quando a vi parada no bar, olhando para mim. Havia desejo em seus olhos e eu soube o que se sucederia antes mesmo de ela abrir a boca.

— Eu quero provar você — ela murmurou contra os meus lábios.

— Ah, Manu... Parece que vamos foder até a o fim dos tempos — eu ri, enquanto seu corpo encontrava o meu.

Ela riu, e foi o melhor som que já ouvi.

A observei deslizar dos meus lábios até os joelhos, estabelecendo-se na superfície acolchoada da cama. Aquele olhar atrevido me fez pegar fogo. Ontem cheguei à conclusão de que era ela.

Tudo isso, do começo ao fim, era ela.

Ao longo dos anos, eu estive ao seu lado. O amigo, o protetor, o companheiro. Ela também foi isso para mim. Até que não bastou mais.

Minha Manuela.

Mesmo quando pensei que poderíamos ser mais, nunca imaginei isso. Nós assim. Nós e esse fogo. Ela fez isso comigo.

Ela segurou meu pau e colocou sua mão delgada em volta da minha ereção. A agitação de seus dedos sobre o meu eixo me fez ficar mais duro, uma espada empunhada contra ela em busca de liberação. Ela agarrou a base e abaixou a cabeça para me levar em sua boca de lábios carnudos.

Manu passou a língua sobre a cabeça do meu pau, fazendo movimentos rodopiantes quando ela começou a chupar. Era até romântico. Manu estava me amando com sua boca.

Ela chupou mais forte, e eu gemi, passando os dedos pelos cabelos macios.

Ela me lambeu mais, chupando minhas bolas e lambendo ao longo do comprimento do meu eixo de novo e de novo.

Minhas bolas se apertaram em resposta, e eu sabia que tinha que tê-la agora, se quisesse estar dentro dela.

— Manuela, você é muito boa nisso. Mas, eu preciso de você agora — rosnei profundamente, pegando seu braço.

Ela beijou a ponta do meu pau e se endireitou, alisando as mãos sobre o meu peito.

— Venha Gustavo — ela murmurou.

Virei-a de bruços. Correndo meus dedos sobre a curva de suas costas, agarrei seu quadril com uma mão e observei sua linda bunda. Perfeita, redonda e firme.

Quando ela se inclinou, eu também tive uma boa visão de sua linda buceta. Rosa e feminina, da mesma cor que seus mamilos apertados e firmes.

Eu tinha a perfeição em minhas mãos.

Guiei meu pau para sua doce vagina e provoquei os lábios abertos. Ela ofegou quando eu empurrei, e um zumbido de prazer saiu de seus lábios. Suas paredes internas ondularam contra mim, se ajustando para me levar enquanto eu me movia dentro dela. Ela estava molhada e selvagem para mim.

Puro prazer e erotismo.

Corpo a corpo nos movemos juntos, cada impulso fazendo-a gritar meu nome. Eu a fodi com mais força quando a tensão cresceu dentro de mim. Não podia mais lutar contra o acúmulo de minha libertação.

\*\*\*

— É um nome clássico — reclamei.

Sua risada ecoou pelo quarto. Estávamos nus na cama. Era delicioso e pecaminoso. Ambos descobrindo nomes para nosso bebê.

— Eu não quero que meu filho tenha um nome de velho.

— Ok, então qual sua sugestão?

Manuela pareceu pensar por um momento.

— Se for menina, que tal Minerva?

— A marca do sabão em pó?

— É um nome lindo — Manu insistiu. — Exótico e espiritual.

— Sabão em pó barato, ainda por cima. — resmunguei. — Então, se for menino, vamos colocar Omo? Ipê?

A gargalhada feminina inundou o ambiente.

— Olívia — ela murmurou. — Eu amo esse nome.

— E menino, Oliver.

— Oh, amei — ela pareceu animada e eu senti orgulho. — Oh meu Deus, nós escolhemos os nomes dos nossos bebês?

Eu sorri para ela.

— Bebês? Mais de um? Gostei — Corri meus dedos sobre o seu estômago, me perguntando se talvez já tivéssemos ter nosso próprio humano dentro dela.

Isso era tão emocionante quanto estar com ela. Manu olhou para a minha mão e sorriu.

— Você já fez o teste? — Perguntei. — Tenho certeza de que não demorará tanto tempo e, no ritmo que estamos seguindo, você pode estar tendo gêmeos.

Manuela gargalhou de novo. Eu adorava isso. Amava esses momentos em que podíamos brincar um com o outro, sem inibições.

— Ainda não. Estou pensando em marcar uma consulta com meu ginecologista para logo. Claro, queria fantasiar a surpresa, deixar que os sintomas aparecessem antes, mas estou muito ansiosa.

Deus, isso estava realmente acontecendo.

Nós. Juntos. Bebês.

— Eu deveria ir com você.

Ela passou a mão pela minha barba.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu quero estar ao seu lado durante todo o processo.

— Você realmente é o melhor homem do mundo, Gustavo. — Seus olhos brilhavam.

Ela se inclinou para a frente e me beijou com seus lábios quentes e acolhedores. Era o tipo de beijo que queria que durasse para sempre.

\*\*\*

Dois dias depois, estávamos caminhando de mãos dadas pelas ruas de Esperança. Era uma sensação incrível sentir que pertencia a Manu e que ela, igualmente, era minha.

— Quero sorvete — ela disse, como uma criança mimada, quando passamos em frente a uma máquina de sorvete italiano.

— Chocolate?

— E creme.

Assenti enquanto levava a mão até o bolso para pegar a carteira e comprar a guloseima para ela. Contudo, antes de me afastar, ela me puxou e me deu um beijo gentil nos lábios. Foi delicioso e eu quis aprofundar o carinho, contudo, estávamos em frente a uma sorveteria com crianças e eu não pretendia ser preso por atentado ao pudor.

Eu ri quando separamos nossas bocas. Quis dizer algo, mas as palavras desapareceram da minha mente quando meu olhar pousou em Andressa parada à nossa frente.

Ela estava olhando para mim, diretamente para mim, e o olhar em seu rosto era pura desaprovação. A maioria das pessoas se afastaria quando fosse flagrada assistindo alguém. Ela não fez isso.

Eu não me importei porque estava com Manuela e, mesmo que não estivesse, não tinha planos de voltar com ela.

O olhar no rosto de Andressa escureceu. Um momento depois, ela se afastou, misturando-se com os transeuntes.

Meu braço se arrepiou.

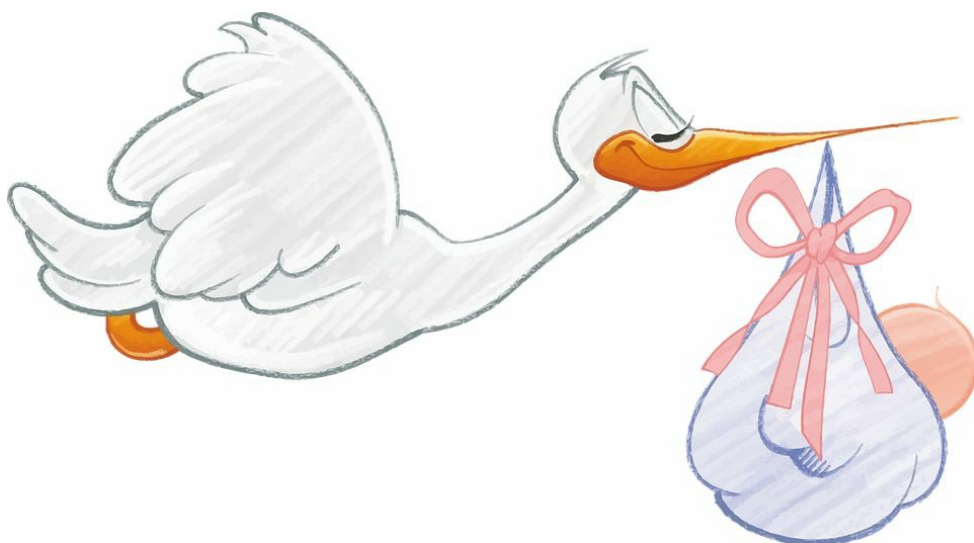
Ela era o tipo de mulher que não aceitava uma recusa e sempre conseguia o que queria. Ela me disse que me queria de volta e eu disse não. Ela viu que eu estava com Manuela e parecíamos sérios. Nós estávamos sérios.

Eu senti que antes da bonança podia vir uma tempestade.



# Capítulo Onze

## Manuela



Eu ainda não conseguia acreditar que Gustavo e eu éramos um casal, e a emoção de estar com ele era tanta que eu desejava que as pessoas ao meu redor também descobrissem o amor na figura dos seus melhores amigos.

Criamos nossa própria bolha de felicidade e ambos queríamos um bebê. Parecia ainda mais perfeito do que quando planejei ter um filho com ele, friamente. Antes, a ideia de um bebê era agradável e nova. A maneira como a situação mudou fez com que eu pensasse definitivamente na constituição de uma família.

— Eu te amo — Gustavo disse de repente, quebrando o silêncio.

Quebrando o silêncio e aumentando a perfeição do momento.

Estávamos deitados na cama, havíamos acabado de fazer amor. Meu coração parou. Perguntei-me se se estava ouvindo coisas. Eu tive que

me retorcer em seus braços para olhar para ele.

— O que você disse?

— Eu amo você, Manuela.

Seus olhos se agarraram aos meus como se ele nunca quisesse desviar o olhar.

— Você não precisa dizer de volta. Eu só queria que você soubesse. Eu estou assustando você?

Eu balancei minha cabeça.

A verdade é que eu também o amava. Eu sempre o amei. Mas, eu não conseguia dizer isso a mim mesma. Eu refreei tanto aquele sentimento que dei a ele diversos nomes. Amizade, fraternidade, irmandade... mas jamais amor.

Ele passou a mão na minha bochecha e o canto dos seus lábios se transformaram em um sorriso sensual.

— Manuela, quero que você venha morar comigo. Quero que você viva aqui comigo.

Meus olhos se arregalaram.

— Sério?

— Bom, seria apenas oficializar o que já está acontecendo.

Eu ri. Não sei explicar o tamanho da minha felicidade.

— Eu quero viver com você — confirmei. — Eu quero muito.

Ele se inclinou para frente e plantou um beijo no topo do meu nariz.

— Semana que vem entrego uma das colheitas de fumo, e então podemos começar a planejar sua mudança.

Eu adorei aquela promessa.

\*\*\*

Eu tinha consulta médica marcada para a próxima semana. Estava ansiosa para verificar se estava grávida, mas como o tempo parecia correr mais devagar, optei por fazer um teste de farmácia mesmo sabendo que eles podiam ser falhos.

Sabrina foi comigo para a farmácia. Eram oito da noite, então a escuridão havia caído há muito tempo.

— Estou tão nervosa. Você fará o teste ainda hoje? — Sabrina borbulhou, esfregando as mãos,.

Eu travei diante das inúmeras marcas. Peguei a mais cara, acreditando que poderia ser a melhor.

— Sabrina, e se for positivo? E se for negativo?

— Se for negativo, você vai continuar tentando. Se for positivo, então, minha amiga, você conseguiu! Você será mãe.

— Estou tão nervosa — descansei a mão no meu coração e dei-lhe um grande sorriso. — Vamos pagar logo e ir pro meu apartamento?

De repente, uma voz atrás de mim que eu reconheceria em qualquer lugar. Era um murmuro de escárnio. As palavras em si eu não entendi, mas reconheci o timbre zombador.

Chocada, virei-me rapidamente e me vi olhando diretamente para Andressa, que estava pegando uma caixa de preservativos.

Não pude conter o choque de vê-la. Eu a havia visto dias atrás perto da sorveteria, mas acreditei que ela só estava de passagem por Esperança, já que seus pais moravam ali, e Gustavo a ignorou sumariamente, apesar de ter sido completamente apaixonado por ela.

— Andressa... — Levantei minhas sobrancelhas — É um prazer ver você aqui. — Olhei para os preservativos nas mãos dela e dei-lhe um sorriso conspiratório. — Se preparando, hem?

Ela suspirou.

— Ora, você sabe... Gustavo é rei do esquecimento.

Eu estreitei meus olhos para ela. Do jeito que ela disse isso, fez parecer que estava vendo Gustavo.

— Eu não sei sobre isso. Ele se lembra o suficiente para nós dois — respondi.

Sabrina ficou tensa ao meu lado quando Andressa me olhou de cima a baixo e a travessura brilhou em seus olhos.

— Bem, quando ele está comigo, sou eu que tenho que me lembrar.

Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Surpresa? Ele não disse que eu estava de volta? Estou de volta há semanas e já o vi tantas vezes. Gustavo sempre gostou de esconder as coisas da melhor amiguinha.

Um peso de aço caiu na boca do meu estômago.

O que ela estava me dizendo?  
O que diabos estava acontecendo?

— Vocês estão juntos novamente? — indaguei.

Era como se eu estivesse falando, dizendo as palavras, mas elas não estavam registrando no meu cérebro.  
A pergunta que fiz não fazia sentido porque Gustavo estava comigo. Ele disse que me amava e me pediu para morar com ele.

Mas essa era Andressa... Ela era o amor da vida dele.

Ela levantou os preservativos.

— Ah, Manuela... ainda não temos nada oficial, mas seria legal você perguntar para ele...

Depois, ela se afastou. Eu quase esqueci que Sabrina estava ao meu lado. Foi o toque das mãos dela no meu braço que me tirou do pesadelo em que caí.

Ela segurou meu olhar.

— Você deveria falar com ele. — Sabrina assentiu.

Havia preocupação nos olhos dela. Todos sabiam que Gustavo beijava o chão que Andressa pisava.

\*\*\*

Eu não fiz o teste. Eu nem o comprei. Meu cérebro desligou depois que vi Andressa.

Andressa estava vendo Gustavo, deu a entender que estavam dormindo juntos, e ela estava comprando preservativos em uma noite em que eu não estaria com ele.

O que eu deveria pensar?

Por mais que eu tentasse não tirar conclusões precipitadas, meu cérebro estava criando obstáculos de um cenário em que chifres pesavam na minha frente.

Conversar era definitivamente a melhor coisa.

No dia seguinte, fui para a casa dele depois do almoço. Eu sabia que ele ajudava na colheita de manhã, mas que voltava para casa durante à tarde e teríamos a privacidade necessária para conversarmos.

Quando me viu, Gus me abraçou e me beijou. Eu o beijei de volta, mas parte de mim — a parte que estava segurando meu coração — se conteve.

— Hum, o que houve? — Ele perguntou, segurando meu rosto.

— Só tenho que falar com você sobre uma coisa.

Ele levantou o dedo na minha bochecha e sorriu.

— Preocupada? É por causa de Sabrina, né? Sabrina ainda está atrasada? Eles não vão fazer esse parto de uma vez? Não podem induzir?

— Não tem nada a ver com Sabrina ou seu parto.

Eu juntei minhas mãos sabendo que essa conversa seria difícil. Sempre ocorria tensão quando conversávamos sobre Andressa no passado.

Tudo começou quando eu disse a ele que sua perfeita e linda namorada

não era uma boa pessoa.

Na época, Gustavo me acusou de estar com ciúmes porque tinha que dividir seu tempo entre nós duas. Então, quando eu disse a ele que não gostava dela porque ela sempre foi grossa comigo e fazia comentários maus, ele achou que eu estava com inveja porque ela era linda e eu era um pouco avantajada.

— Vi Andressa ontem à noite — contei.

A carranca instantânea em seu rosto era o que eu esperava.

— E?

— E ela disse que vocês se viram.

— Sim, eu a vi algumas vezes.

Meu coração apertou e meus pulmões desabaram. Deus, era verdade?

— Gustavo, ela disse que está de volta há semanas. Você nunca disse nada.

— Porque não era importante. Ela foi embora, e eu superei. Agora voltou, mas não faz diferença para mim. Eu estou com você agora.

— Você está? Ela fez parecer que vocês estavam mais que se vendo.

— O que quer dizer?

— Que se “viam” com coisas além dos olhos — briguei.

Suas mãos caíram para os lados e seus lábios se separaram. Ele balançou a cabeça e arregalou os olhos para mim.

— O quê? Não, Manuela, de jeito nenhum. Eu não a vi com nada além dos olhos — riu. Mas, não era engraçado para mim. — Nada aconteceu entre nós. Ela me disse que me queria de volta e eu disse que não.

— Então por que ela fez parecer diferente?

Ele me deu um olhar afiado.

— Manuela, eu não sei. Fim de história. Andressa pode estar com raiva por eu ter recusado. Além disso, estou lhe dizendo que não estava com ela. Quando já menti para você? Minha palavra não devia bastar?

Deveria. Mas...

— Gustavo... — minha voz parou quando eu olhei para ele. — Eu preciso de um tempo para pensar.

Ele olhou para mim como se eu tivesse acabado de lhe dar um tapa.

— Por quê? Manuela, você não acredita em mim? Você acha que eu trairia você?

— Gustavo, é a Andressa. É ela, e eu nunca vi você se apaixonar tanto por alguém além dela. Você a amava. Quantas brigas nós tivemos por causa dela. Mesmo com minhas ameaças de rompermos amizade você nunca a deixou. Ao contrário, foi ela que te deu um pé na bunda. Entre nós duas, você sempre a escolheu.

— Isso é passado.

Eu sabia. Eu acreditava nele quando disse que não estava rolando nada. Mas a profundidade do amor que eu já vi ele demonstrar para Andressa foi o que me atingiu.



Ele não me amava assim. Não com essa intensidade, não com essa necessidade.

— Gustavo, por favor, tente ver as coisas do meu lado. Você queria se casar com ela. Eu lembro. Lembro-me também das nossas discussões porque eu achava isso um absurdo. — Céus, lá estava eu, sendo absurdamente sincera. — Quando você me pediu para morar com você, fiquei tão feliz... achei que fosse morrer de felicidade. Mas, ver Andressa ontem me lembrou que você teve sonhos maiores com ela. Com ela, você queria se casar.

Ele balançou a cabeça para mim.

— Isso não é justo. Manuela. O que você quer que eu diga?

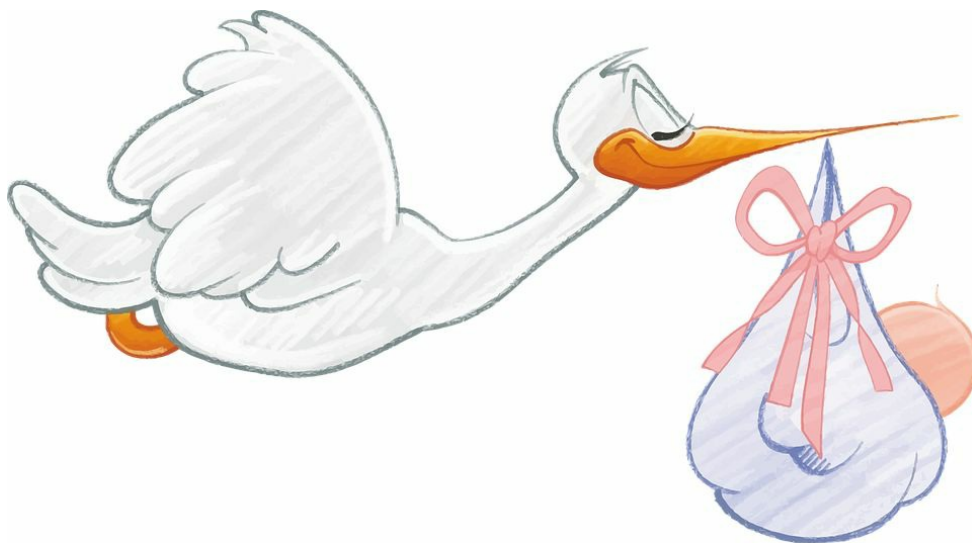
Fechei os olhos por alguns segundos e os abri novamente.

— Só preciso de um tempo, Gustavo.

Depois virei-me e me afastei.

# Capítulo Doze

**Gustavo**



Eu era um idiota. Essa era a mais significativa das conclusões.

Num passado não muito distante eu planejei pedir Andressa em casamento. No presente – e feliz momento – eu simplesmente pedi que Manuela viesse morar comigo.

Para uma, planejei oferecer uma Igreja cheia de flores e um compromisso romântico eterno. Para outra – a que eu realmente me importava – eu fui tolo o suficiente para simplesmente dizê-la para se mudar para minha casa.

Idiota!

Eu tentei falar com Andressa tão logo Manuela foi embora. Obviamente, a outra não fora tola de atender o telefone. Pensei em ir para Esperança confrontá-la pessoalmente, mas também pensei

que isso podia piorar os sentimentos de Manuela, pois sabe-se-lá o que as vizinhas fofoqueiras diriam se me vissem com a outra.

Então, fiz o que todo homem de verdade faz: senta e chora.

No dia seguinte, esperei que Manuela aparecesse ou ligasse. Ela me avisaria quando eu deveria ir até sua casa para começar a buscar as coisas dela. Mas, meu telefone não tocou.

A noite, não aguentei mais, e fui até ela. Encontrei-a sentada na borda da piscina do condomínio. Vestia uma blusa fresca e shorts de jeans, os pés na água, havia despreocupação no seu olhar, mas eu senti a tensão em seus ombros.

Pelo menos ela sorriu quando me viu. Foi um sorriso educado. Eu nunca havia recebido aquele tipo de sorriso dela.

Sentei ao seu lado.

— Oi — cumprimentei. Silêncio. — Queria ver como você está.

Ela deu os ombros.

— Eu não sei.

Isso não ajudou.

— Não estou aqui para pressioná-la ou invadir seu tempo e espaço. Estou aqui como seu amigo. No passado, se você tivesse um problema, não importava se o problema era sobre mim, você me dizia. Sei que isso é diferente agora, mas sou seu melhor amigo. É meu dever estar aqui para você, mesmo que eu seja o problema.

Ela enxugou uma lágrima.

— E se o problema for eu, Gustavo?

— Não importa. Você ainda pode falar comigo.

Ela me olhou e enxugou outra lágrima.

— Eu estou assustada. Eu nunca me apaixonei antes e estou apavorada. Tenho medo de continuar por esse caminho e você escolher Andressa.

Eu abaixei minha cabeça. O que eu poderia dizer a ela? Eu podia ter demonstrado a importância dela em minha vida, mas cometi um erro quando não lhe dei a importância devida. Assim, a única coisa que me veio à mente foi dizer a verdade.

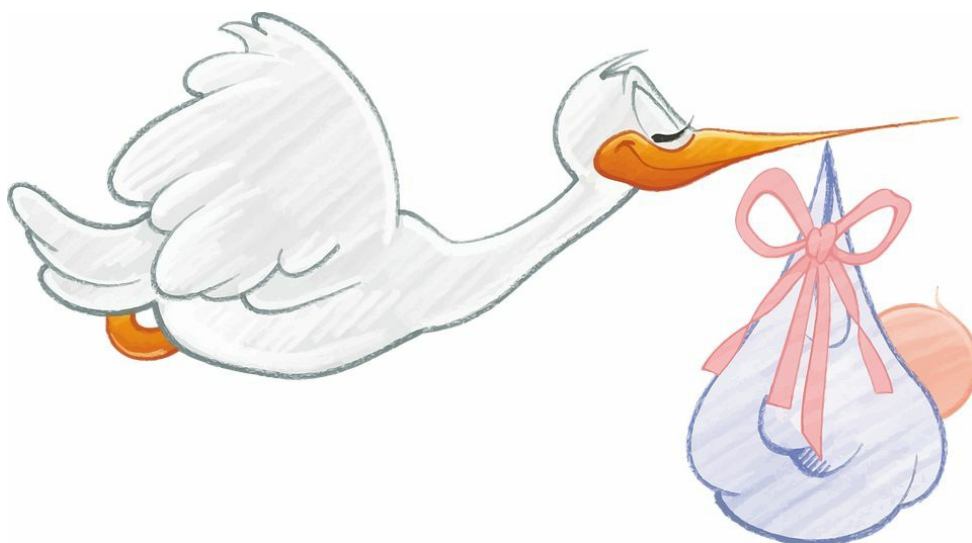
— Mesmo quando eu estava com outra pessoa, Andressa ou qualquer outra, sempre havia você. Sim, você me viu apaixonado por Andressa. Mas, Manuela, não há uma mulher neste planeta que eu queira mais que você. Isso nunca vai mudar, mas você precisa acreditar. Eu não posso te forçar a confiar em mim. Isso tem que partir de você. E não importa o que você escolher, sua crença ou descrença, você sempre me terá. Não importa o que você escolher. Sempre estarei segurando sua mão.

Isso foi tudo o que pude dizer.

O resto era com ela.

# *Capítulo Treze*

## *Manuela*



Gustavo e eu nascemos no mesmo dia, na mesma maternidade, praticamente no mesmo horário. Nossas mães eram amigas, então desde muito cedo, estivemos juntos no nosso cercado, depois, demos nossos primeiros passos em andadores um ao lado do outro.

Lembrava de, aos sete anos, ingressarmos juntos na primeira série. Nos separaram na quinta série, nos colocando em turmas diferentes, mas estávamos sempre juntos no recreio.

Voltamos a mesma classe na oitava. No ensino médio, juntos de novo. Fizemos o curso pré-vestibular no mesmo lugar. Fomos para a mesma universidade. Estudei administração e ele agronomia. Cumpríamos o mesmo horário.

Parecíamos um a cópia do outro.

Quando nos formamos, e eu assumi o escritório da família – que administrava nossos bens – fiquei apavorada de trabalhar com meus primos machistas e críticos, enquanto meu melhor amigo tinha a liberdade de lavrar suas terras.

— Imagine-me segurando sua mão. Onde você for, eu vou. Mesmo que eu não esteja lá, eu estarei lá. — ele disse quando lhe contei, aos prantos, o quanto sentia falta do seu suporte.

Palavras mágicas que funcionavam.

Não importa o que acontecia, eu só precisava sentir sua mão na minha e tudo ficava bem.

E agora não estava mais tudo bem...

Eu tinha medo de perder Gustavo para Andressa. Em minha mente, o contraste de Gustavo com e sem ela parecia gritante.

Ele nunca me amaria assim...

Mas, talvez esse amor diferente fosse bom. Porque eu tinha coisas que Andressa nunca teria. Gustavo tinha uma forma única de me olhar. Era um olhar só para mim. E quando nos vimos na piscina, esse mesmo olhar me disse que ele era meu, e não importava com quem esteve no passado, ele permanecia meu.

Nós éramos um. Nós éramos um desde que nascemos juntos, e eu estava feliz por isso. Eu queria ver para onde iríamos e o que mais poderíamos ser.

Eu sabia que, para fazer isso, tinha que tentar.

Sim, os medos ainda estavam lá. Eu entendia os riscos.

Parei meu carro diante da casa de Gustavo. Era depois do almoço, então ele estaria em casa. Minha primeira tarefa seria pedir desculpas e dizer a ele que queria que ficássemos juntos não apenas pelo bebê.

Eu o queria.

Saí do carro e fui até a porta da frente. Eu tinha uma chave, mas achei que era melhor tocar a campainha.

Enquanto esperava, ouvi passos leves do outro lado da porta.

Quando a porta se abriu, minha boca abriu quando Andressa estava diante de mim vestindo uma das camisas de Gustavo.

Com os cabelos num coque frouxo, um sorriso malicioso no rosto, ela me olhou com aquela travessura nos olhos.

— Manuela, olá — disse, alegre. — Pensei que Gustavo havia esquecido as chaves — riu.

Eu apenas travei.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei.

Pergunta tola. Pergunta muito tola. O que uma mulher linda daquelas estava fazendo seminua na casa de Gustavo?

Ela riu de novo.

— Você quer detalhes? Que safadinha — gracejou. — Você precisava de algo? Gustavo não está aqui.

— Não. Não preciso de nada.

Minha garganta se fechou e lágrimas ardiam nos meus olhos.

O que diabos eu deveria pensar? Eu sabia a resposta.

Andressa atendendo a porta vestindo apenas a camisa de Gustavo tendia a dizer muito.

— Bem, direi a ele que você veio. — Ela assentiu e fechou a porta na minha cara.

Eu convulsionei em lágrimas tão logo entrei no carro. Todo meu trajeto de volta a Esperança foi nublado pela minha dor. Não sei como consegui entrar no meu apartamento, mas Claudia já estava lá quando cheguei. Ela olhou para mim e sabia que algo estava errado.

Quando contei o que aconteceu, ela apertou os lábios e suspirou. Gustavo estava com Andressa na noite passada, ou hoje de manhã, ou sempre desde que ela voltou. Francamente, eu não sabia.

— Não, não pode ser verdade... — eu murmurei.

— Mas, o fato está escancarado na sua cara. — Claudia contrapôs.

Fato. Ela estava na casa dele, vestindo as roupas dele. Como ela entrou em casa se ele não a deixou entrar?

— O que você está pensando, Manuela? — Claudia perguntou.

— Algo não parece certo para mim. É Gustavo. Gustavo não faria isso comigo.

— Eu te amo, amiga e não quero que faça papel de trouxa.

Ela estava certa. Suspirei.

— Por que estou segurando a esperança quando está claro que eles



estão juntos novamente? Claudia, ele veio aqui ontem à noite e conversamos. Ficou claro que ele queria estar comigo. Ele disse que sempre estaria ao meu lado, não importava o que eu acontecesse, e agora isso? Não faz sentido.

Claudia suspirou novamente e fez uma careta. Parecia que ela estava considerando algo.

— Manuela, eu sinceramente estava feliz por vê-los juntos. Você é a única de nós que não parecia feliz no amor. E então você descobre a felicidade com Gustavo, o final perfeito. Uma parte de mim diz que Gustavo não machucaria você assim, mas existe outra que, diante do que narrou, crê em outra coisa. Contudo, eu não posso aconselhá-la. Isso é algo seu. Você precisa decidir se a palavra de Andressa, e o que ela lhe mostrou, vale mais que sua amizade e cumplicidade com Gustavo.

Ela estava certa. Eu sabia o que via e sabia como era, mas não significava que era assim. Não até que ele me dissesse isso. Não havia como ele me machucar do jeito que eu pensava. Nem mesmo com ela, a garota que ele amou.

Antes de me tornar namorada, eu era a melhor amiga. Eu era... a alma gêmea.

De repente, pela primeira vez na minha vida, superei meus medos.

— Eu tenho que ir vê-lo. — balancei a cabeça com convicção.

Claudia sorriu.

— Sim, Manuela, e resolva isso.

Dei um passo à frente e parei quando a sala girou.

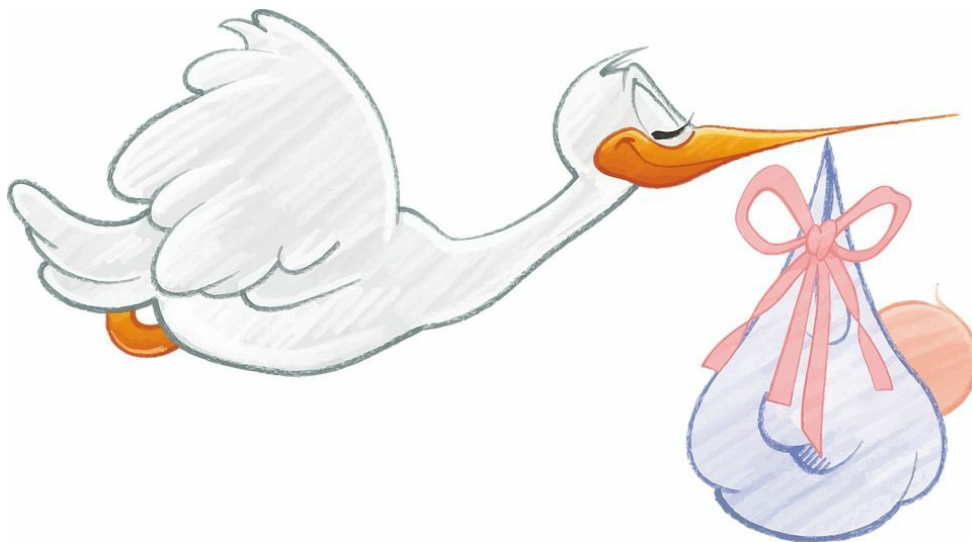
— Claudia, eu... — tentei pegar alguma coisa, qualquer coisa, para me segurar mas a tontura me levou, e então eu estava caindo.

— Manuela!

Sua voz de pânico encheu a sala, mas a escuridão me tomou quando eu apaguei.

## *Capítulo Catorze*

*Gustavo*



Passei o dia todo focado na lavoura de fumo. Era engraçado que quanto mais o governo taxava e restringia o uso dos cigarros, mais as pessoas queriam fumar. Esperança era uma das maiores produtoras do mundo, haviam outras lavouras como a minha, focadas em plantar fumo e abastecer a fábrica da cidade, então eu imaginava que num futuro próximo, devia trocar de cultura. A soja estava pagando bem, o milho também. Além disso, eu tinha uma extensa área para pomar e havia uma fábrica de sucos a poucos quilômetros que poderia usar minhas laranjas.

Talvez o peso de ser pai estava se refletindo nas minhas vontades futuras... Eu realmente queria deixar um mundo melhor pro meu filho.

Depois de um dia cheio, quando cheguei em casa, fui direto para o meu quarto, mas parei na porta quando senti que alguém estava dentro dele.

Esperança era uma cidade do interior, mas havia tido uma leva de crimes há poucos meses. Mesmo assim, não teria pena do filho da puta que pensou que poderia invadir minha casa.

Realmente o faria se arrepender.

Empurrei a porta. Quando ela se abriu, meu olhar pousou em Andressa na minha cama.

Ela sentou-se com o lençol puxado para cobrir os seios, mas estava claro que ela estava nua embaixo dele.

Andressa sorriu quando me viu.

— O que está fazendo aqui?

Agora eu acreditava sinceramente que o universo estava pronto para me foder.

O sorriso dela se alargou.

— Você demorou.

— Como você entrou em minha casa, Andressa??

Por que diabos ela falava como se fosse normal estar pelada na minha cama?

— Chave reserva. Você sempre deixa uma embaixo do tapete da entrada.

Seu sorriso se mantinha, sedutor. Aquilo me enervou.

— Saia. — ordenei.

Normalmente, eu não falaria com uma mulher dessa maneira, mas

Andressa ultrapassou todos os limites.

— Gustavo, você deveria se juntar a mim... — Ela bateu com uma das mãos na cama, num óbvio convite.

— Andressa, você precisa parar com isso. Eu disse que terminamos, e você estragou tudo com Manuela. Eu vi você na sorveteria. Você nos viu, viu que estávamos juntos e tentou destruir isso. Por quê?

Ela escorregou da cama, enrolou o lençol em volta de si mesma e marchou para mim.

— Por quê? Quero você de volta, Gustavo.

— Não fale essa besteira, Andressa. Você me deixou e depois ficou pulando de mão em mão, qualquer cara rico e famoso te atraia. Agora que já não é mais novidade, acha que pode voltar como se nada tivesse acontecido?

— Isso tudo é mágoa? Gustavo, não seja machista. É verdade, eu fui viver as oportunidades, mas, estou de volta...

— Eu quero que você saia daqui — Eu gritei, atordoando-a. — Você não foi viver suas oportunidades? Então me deixe viver a minha.

Ela riu.

— Com aquela louca da sua melhor amiga? A que lê horóscopo e pergunta o signo quando conhece uma pessoa? Você sabia que ela participa de grupos de discussões sobre terra plana e teorias da conspiração? A cidade toda sabe que ela acredita em Ets — ela levantou os braços, rindo. — Nós dois combinamos. Nós éramos o casal legal, que causava inveja. Imagine-nos juntos novamente. — Ela me alcançou, mas eu dei um passo para trás.

— Isso não vai acontecer. Porra, Andressa, essa é a última vez que digo isso. Não faça isso. Não se aproxime. Eu não sinto mais nada por você.

Ela pareceu entender a mensagem porque seus olhos escureceram de fúria.

— Você acha que pode simplesmente me dispensar?

— É exatamente o que eu estou fazendo.

— Você vai se arrepender — ela parecia prestes a explodir.

— Não me ameace — murmurei. — Eu não fiz nada de errado. É você que parece que voltou apenas para foder com a minha vida.

Ela se afastou de mim e caminhou até a cadeira ao lado da cama para pegar suas roupas. Agarrou-as, passou por mim, mas parou antes de sair do quarto e olhou para mim como se tivesse acabado de se lembrar de algo.

— A propósito, Manuela mandou um “olá”.

Meu sangue gelou.

— O que você quer dizer?

— Ela veio mais cedo. Não deixou recado. Disse a Manuela que te diria que ela veio. Você deveria ter visto o rosto dela quando me viu vestindo sua camisa.

Se ela fosse um cara, eu a teria esmurrado. Mas, apesar de tudo, não se bate em uma mulher. Então, apenas fechei os punhos e os segurei ao lado do corpo.

— Andressa, não me procure novamente. Saia da minha casa e da

minha vida.

Parecia que ela queria me dar um retorno inteligente, mas reteve. Eu assisti com raiva e descrença sua saída da minha casa.

Depois, um suspiro pesado saiu dos meus lábios. Meus ombros caíram com o peso do mundo quando a nova situação me atingiu.

Ela me arruinou. Manuela suspeitava que eu voltaria com Andressa. Se tudo o que Andressa disse aconteceu, não haveria nenhuma conclusão a ser formada além de que agora Manuela acharia que eu dormi com Andressa.

Mordi com força o lábio, frustrado.

Eu a perdi. Eu a perdi e não saberia o que fazer para recuperá-la.

Peguei meu telefone no bolso de trás para verificar se havia alguma mensagem, mas o que vi foram chamadas perdidas de Claudia. Dez chamadas não atendidas. O sinal nunca era bom naquele lugar, então não me surpreendi pelo telefone não ter tocado.

Liguei de volta e ela respondeu imediatamente.

— Claudia, me desculpe, perdi suas ligações.

— Gustavo, Manuela está no hospital. — Ela disse às pressas.

O mundo pareceu ruir diante de mim.

\*\*\*

Quando cheguei ao hospital, Claudia estava conversando com o

médico. Quando me viu, ela sorriu e eu corri até ela.

— Ela está bem? — Perguntei. — O que aconteceu?

— Ela desmaiou. Ela está bem. Você pode vê-la — Claudia explicou com um sorriso gentil. Andamos pelo corredor.

Manuela estava no quarto. Seu rosto se iluminou quando ela me viu.

— Sinto muito por ter chegado tarde — eu disse, correndo até Manu.

— Eu estou bem — ela respirou, segurando minha mandíbula. Sua voz soou fraca.

— O que aconteceu?

Embora sua pele parecesse pálida, uma pitada de cor correu para suas bochechas.

— Estou grávida. Gustavo, estou grávida — seu rosto se iluminou novamente.

A combinação de alegria e choque que encheu meu corpo inteiro foi paralisante.

Eu procurei seus olhos e descobri que não conseguia falar. Eu não sabia o que eu esperava depois de todas essas semanas tentando, mas ouvir que ela estava realmente grávida me encheu do tipo de felicidade que eu sempre ouvi as pessoas falarem, mas nunca pensei que eu poderia ter.

— Manuela... nós... Nós vamos ter um bebê? — Enquanto falava as palavras, ainda não conseguia acreditar.

Não parecia real.



Uma lágrima escorreu por sua bochecha. Ela assentiu, e foi somente quando ela passou o dedo pela minha mandíbula novamente que eu percebi que estava chorando também.

Não me lembro da última vez que chorei.

Coloquei minha mão na barriga dela, olhando-a incrédulo porque sua cintura era tão pequena.

— Três semanas — contou. — Minha pressão baixou. Foi por isso que eu desmaiei. Eles vão me manter em observação — explicou — Mas eu estou bem, e o bebê também.

Eu sorri para ela.

— Manu...

— Eu sei, ainda não parece real. Parece que tudo está prestes a mudar.

Então percebi o quanto aquilo era importante e o quanto eu estava perto de perder. Se ela decidisse que não queria ficar comigo, passaria o resto da minha vida fazendo com que ela confiasse em mim, fazendo-a acreditar que tínhamos tudo para darmos certos juntos.

Eu sabia que Manu me amava, e isso era tudo que precisava. Aquele bebê era meu, e isso significava que ela também era minha.

Eu peguei as duas mãos dela nas minhas.

— Manuela, quando cheguei em casa, Andressa estava lá. Sei que você a viu também. Sei o que aconteceu e lamento. Juro que nada aconteceu entre nós e nada jamais acontecerá. Ela é passado. Não quero que você pense errado. Eu não vou permitir que me deixe, mesmo sabendo que você pode

pensar que sou culpado pelo que aconteceu com Andressa.

Para minha surpresa, ela balançou a cabeça.

— Admito que levei um choque quando a vi, mas... Eu sei que você a amava, mas também sei que você jamais me trairia.

Eu alisei minha mão em sua bochecha.

— Você acredita em mim?

Ela assentiu.

— Você é meu melhor amigo.

E era assim. Era simples. Antes de sermos amantes e apaixonados, éramos os melhores amigos.

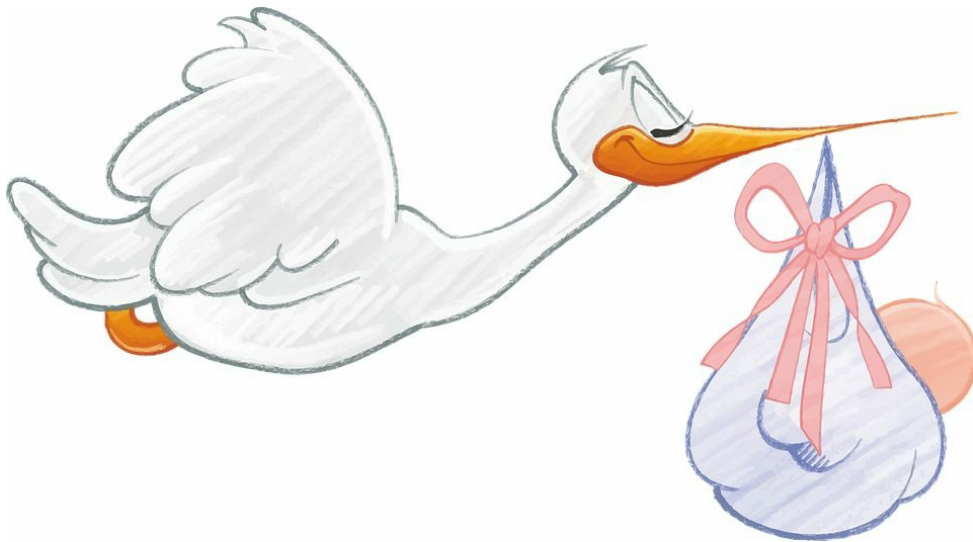
Abaixei minha boca para beijá-la e saboreei o gosto dela em meus lábios. Doce como mel. Selvagem como ela. Selvagem como nós.

Como sempre estivemos. Nós teríamos nosso próprio bebê.

Eu amava as nuances do destino.

# Capítulo Quinze

*Manuela*



Gustavo apareceu na porta do meu quarto com um sorriso no rosto. Ele veio mais cedo para me ajudar com a mudança. Eu não esperava que ele voltasse ao apartamento já que eu mesma só havia retornado para pegar alguns itens que esqueci no banheiro.

Desde o hospital, ele não saía do meu lado. Aquele cuidado estava me asfixiando.

No bom sentido, claro...

Passei meus braços em volta dele.

— Eu vim para te levar embora — ele disse.

— Eu já estou indo...

— Tenho medo de que se arrependa e não vá.

— Seria um problema já que todas as minhas coisas foram para a sua casa.

Algo brilhou no fundo de seus olhos, e ele enfiou a mão no bolso de trás e puxou uma pequena caixa preta.

Meu coração parou com o choque que abalou minha alma quando ele abriu a caixa e meus olhos viram um anel de noivado bonito.

— Gustavo...

Ele se desvencilhou dos meus braços e se ajoelhou diante de mim. Eu travei. Entrei em pânico. Todo aquariano entra quando o assunto é compromisso.

— Manuela, você é minha melhor amiga desde que nasci. Porém, você é mais do que minha amiga. Você é minha namorada e minha alma gêmea. Não há mais ninguém com quem eu queira viver pelo resto da minha vida. Eu quero ter um monte de filhos com você e quero envelhecer ao seu lado vendo nossos netos brincando na terra que será nossa. Quero que seja minha esposa para sempre.

Eu já estava chorando antes que ele terminasse. Mas, sequei minhas lágrimas quando ele puxou o anel da caixa, sorrindo mais.

— Manuela, prometo te amar todos os dias pelo resto de nossas vidas e depois. Prometo ser o tipo de homem que nosso bebê mereça e que você merece. Você quer se casar comigo?

— Sim — eu ofeguei e me joguei em seus braços.

Nós dois caímos para trás, rindo quando eu o beijei, e ele me abraçou, me beijando de volta.

O anel se encaixou em meu dedo.

Eu nunca mais o tiraria.

**Fim**



**BAIXE AQUI**

**<https://amzn.to/2pAIBUV>**

## MAIS LIVROS DA AUTORA



***Curta a página no facebook e conheça todos os livros.***

<https://www.facebook.com/JosianeVeigaOficial>



**Amores que conquistaram a Amazon**





1º Esmeralda - <https://amzn.to/2eLR0gQ>

2º Avassalador - <https://amzn.to/2e4CrRA>

3º Arrebatador - <https://amzn.to/2e6KTzJ>

4º O Vilão - <https://amzn.to/2mfRb8A>

5º o Pecador - <https://amzn.to/2zVgWhF>

6º O Perverso - <https://amzn.to/2DhSsRM>

7º Fim e Início - <https://amzn.to/2Sn9Xb3>





#### SPIN OFFS

Livro 1 - <https://amzn.to/2G5Gqzz>

Livro 2 - <https://amzn.to/2GjoOOQ>

Livro 3 - <https://amzn.to/2HcErax>

Livro 4 - <https://amzn.to/2LNDkQR>

Josiane Biancon da Veiga nasceu no Rio Grande do Sul. Desde cedo, apaixonou-se por literatura, e teve em Alexandre Dumas e Moacyr Scliar seus primeiros amores.

Aos doze anos, lançou o primeiro livro “A caminho do céu”, e até então já escreveu mais de vinte livros, dos quais, vários se destacaram em vendas na Amazon Brasileira.



---

<sup>[1]</sup> LIVRO – A ESPOSA QUE COMPREI.